

CLODOMIRO DE JESUS ANGARITA MARTINEZ

**A INFLUÊNCIA DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA PARA A TOMADA  
DE DECISÕES NAS PME**

Dissertação de Mestrado em Contabilidade



Faro, 2021

CLODOMIRO DE JESUS ANGARITA MARTINEZ

**INFLUÊNCIA DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA PARA A TOMADA DE  
DECISÕES NAS PME**

Dissertação de Mestrado em Contabilidade

Dissertação orientada por:

Professora Doutora Georgette dos Santos Andraz – Escola Superior de Gestão  
Hoteleira e turismo, Universidade do Algarve

Professor Especialista José Rodrigo Correia Guerreiro - Escola Superior de Gestão  
Hoteleira e Turismo, Universidade do Algarve



Faro, 2021

## Declaração de autoria de trabalho

Declaro ser o autor deste trabalho, que é original e inédito. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam da listagem de referências incluída.

---

Copyright em nome de Clodomiro de Jesus Angarita Martinez. A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

## ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE GRÁFICOS .....	iv
ÍNDICE DE QUADROS .....	v
ÍNDICE DE TABELAS .....	vi
LISTA DE SIGLAS .....	vii
AGRADECIMENTOS .....	viii
RESUMO .....	ix
ABSTRACT .....	x
CAPÍTULO 1- INTRODUÇÃO.....	1
1.1 – ENQUADRAMENTO DO ESTUDO .....	1
1.2 – MOTIVAÇÕES PESSOAIS E OBJETIVOS DO ESTUDO .....	2
1.3 – QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO.....	3
1.4 – ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO .....	4
CAPÍTULO 2 – REVISÃO DE LITERATURA.....	5
2.1 – CARACTERIZAÇÃO DAS PME .....	7
2.2 – AS PME E O AMBIENTE ECONOMICO .....	10
2.2.1 - BREVES CARACTERÍSTICAS DO GESTOR/PROPRIETÁRIO DAS PME. 12	
2.2.2 - BREVES CARACTERÍSTICAS DO DEPARTAMENTO CONTABILÍSTICO .....	13
2.3 - AS DECISÕES FINANCEIRAS .....	14
2.3.1 – TOMADA DE DECISÃO .....	16
2.3.2 – CONTROLO DE GESTÃO NAS PME .....	19
2.3.3 – CONTROLO .....	21
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA .....	23
3.1 – AMOSTRA DA INVESTIGAÇÃO .....	23
3.2 – OBJETIVOS E HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO .....	24
3.3 - MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO.....	25
3.4 - A ANÁLISE QUANTITATIVA DE DADOS .....	27
3.5 – INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS .....	28
3.5.1 – ESTRUTURA E CONTEÚDO .....	29
3.6 - TRATAMENTO DE DADOS .....	30

CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	31
4.1 – CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS.....	31
4.2 – CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES.....	33
4.3 - CARACTERIZAÇÃO DA UTILIDADE DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA E FINANCEIRA.....	36
4.4 - UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA.....	44
4.5 - INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA COMO FATOR DE DECISÃO.....	45
4.5.1 - O GÊNERO E A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA. ..	46
4.5.2 - A DIMENSÃO DAS EMPRESAS E A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA.....	47
4.5.3 - NÍVEIS DE FORMAÇÃO E A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA.....	48
4.6 - TIPO DE CONTABILIDADE E A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA.....	50
4.7 - FUNÇÕES EXECUTIVAS E A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA.....	52
4.8 - EXERCÍCIO DE FUNÇÕES CONTABILÍSTICAS E A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA.....	52
4.9 - ESCALÃO ETÁRIO E A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA.....	53
CAPÍTULO 5 – CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	58
ANEXOS DO QUESTIONÁRIO.....	63

## INDICE GRÁFICO

<b>Gráfico 4.1</b> – N.º de respostas de acordo com o volume de negócios .....	31
<b>Gráfico 4.2</b> – N.º de resposta com o médio de empregados .....	31
<b>Gráfico 4.3</b> – Setor de atividade .....	32
<b>Gráfico 4.4</b> - A empresa tem serviços administrativos internos .....	32
<b>Gráfico 4.5</b> – A forma como o serviço de contabilidade está centralizado .....	33
<b>Gráfico 4.6</b> – Género dos gestores.....	33
<b>Gráfico 4.7</b> - Idade.....	34
<b>Gráfico 4.8</b> – Anos de experiência profissional .....	34
<b>Gráfico 4.9</b> – Habilitações académicas.....	35
<b>Gráfico 4.10</b> – A importância da informação contabilística no contexto da pandemia COVID 19 .....	39
<b>Gráfico 4.11</b> - Valor mensal que atribuía ao trabalho do contabilista (interno).....	40
<b>Gráfico 4.12</b> - Valor mensal que atribuía ao trabalho do contabilista (externo) .....	40
<b>Gráfico 4.13</b> – Conhecimento da realidade da empresa pelo contabilista.....	41
<b>Gráfico 4.14</b> - A linguagem e a forma como são apresentadas a informação da Contabilidade.....	41
<b>Gráfico 4.15</b> – Para que serve a Contabilidade.....	42
<b>Gráfico 4.16</b> – Quem tem mais interesse na informação contabilística .....	42
<b>Gráfico 4.17</b> – Importância do Mapa de Exploração Mensal, do Balancete Analítico Mensal e do Reporte Anual .....	43
<b>Gráfico 4.18</b> – Leitura e compreensão do Mapa de Exploração Mensal, do Balancete Analítico Mensal e do Reporte Anual .....	43
<b>Gráfico 4.19</b> – Na suposição da Contabilidade ser uma opção do gestor, optava.....	44

## ÍNDICE DE QUADROS

<u>Quadro 4.1 – Função que desempenha na empresa.....</u>	35
<u>Quadro 4.2 – Importância de algumas ferramentas na tomada de decisão.....</u>	37
<u>Quadro 4.3 - Influência <i>de fatores na</i> tomada de decisão na empresa.....</u>	38
<u>Quadro 4.4 – A contabilidade é um custo para empresa.....</u>	39
<u>Quadro 4.5.1 – Perfis de utilizador da informação contabilística (fonte objetiva v subjativa).....</u>	45
<u>Quadro 4.5.2 - Perfis de utilizador da informação contabilística (fonte objetiva v subjativa).....</u>	45
<u>Quadro 4.5.3 – Relação entre Perfis de utilizador da informação contabilística.....</u>	46
<u>Quadro 4.5.4 – O género e a utilização da informação contabilística.....</u>	47
<u>Quadro 4.5.5 – Dimensão das empresas e a utilização da informação contabilística... </u>	47
<u>Quadro 4.5.6 – Diferenças em função das habilitações.....</u>	48
<u>Quadro 4.5.7 – Formação intuição e fatores políticos sociais.....</u>	49
<u>Quadro 4.6.1 – Diferenças em função da contabilidade interna ou externa.....</u>	50
<u>Quadro 4.6.2 – Diferenças em função da contabilidade interna ou externa.....</u>	51
<u>Quadro 4.7.1 – Diferenças em função de exercer funções executivas ou não.....</u>	52
<u>Quadro 4.8.1 – Diferenças em função de exercer funções contabilísticas ou não.....</u>	53
<u>Quadro 4.9.1 – Diferenças em função da idade.....</u>	54
<u>Quadro 4.9.2 – Diferenças em função da idade.....</u>	55

## ÍNDICE DE TABELAS

<b><u>Tabela 2.1 – CRITÉRIOS PARA A DEFINIÇÃO DE PME (RECOMENDAÇÕES DA COMISSÃO DE 2003)</u></b> .....	6
<b><u>Tabela 2.2 – INDICADORES ECONÓMICOS DAS EMPRESAS EM PORTUGAL, 2020</u></b> .....	9

## LISTA DE SIGLAS

INE	Instituto Nacional de Estatística
PME	Pequenas e Médias Empresas
UTA	Unidades de trabalho-ano
SABI	Iberian balance sheet analysis system
VAB	Valor acrescentado bruto
EBE	Excedente bruto de exploração
CAE	Classificação Portuguesa das Atividades Económicas

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço principalmente a meus orientadores pela disponibilidade e apoio prestado ao longo de todo o trabalho. As suas críticas construtivas, as discussões e reflexões foram fundamentais ao longo de todo o percurso de elaboração desde dissertação.

Uma palavra de agradecimento ao professor Doutor Santana Fernández pelas suas palavras de incentivo e sábios conselhos que forma fundamentais para realizar e prosseguir este estudo.

Também não quero deixar de agradecer às pessoas que sempre me deram ânimo para poder culminar a dissertação como: António José Guerreiro Gordinho, Carla Sofia Almeida Canelas, Joaquim Canelas e Maria Gloria Almeida, Joel Martín.

A minha família que está na Venezuela e apesar da distância, sempre me apoiou sempre de forma incondicional.

A todas as outras pessoas que contribuíram direta ou indiretamente com meu crescimento pessoal o qual também agradeço.

## RESUMO

Na presente investigação estuda-se a influência da informação contabilística na tomada de decisões nas Pequenas e Médias Empresas (PME). Constitui-se como objetivo deste trabalho analisar a perceção dos gestores/proprietários quanto à utilidade/importância da informação contabilística no processo de tomada de decisão das PME e, em que medida, determinados fatores (idade, formação, género, experiência, dimensão das empresas, etc.), influenciam a perceção da utilidade dessa informação como instrumento de gestão. Com base numa metodologia quantitativa, foi aplicada uma pesquisa por questionário a uma amostra de 232 empresas incluídas na dimensão PME, disponível na base de dados, Iberian Balance Sheet Analysis System (SABI), cujos resultados permitiram desenvolver uma análise descritiva exploratória.

Os resultados mostram que a informação contabilística é um recurso para a maioria das PME. Identificaram-se vários fatores agrupados num perfil: Base consulta/Conselhos, Base formação/intuição, Base económico/financeiro e Base políticas e sociais, que contribuem para que a informação contabilística, seja utilizada na tomada de decisão. Gerentes/administradores com formação em (gestão, economia, finanças, auditoria, contabilidade, administração, etc.) geralmente dão mais ênfase à informação contabilística. Em outro aspeto os gestores que tem menos formação académica, consideram, ainda, que o reporte da contabilidade é de difícil leitura, o que leva alguns a nunca lerem as informações produzidas pelos contabilistas.

Palavras-chave: Tomada de decisão, PME, gestão, contabilidade

## **ABSTRACT**

In the present investigation, the influence of accounting information on decision-making in Small and Medium Enterprises (SME) is studied. The objective of this work is to analyze the perception of managers/owners regarding the usefulness/importance of accounting information in the decision-making process of SMEs and, to what extent, certain factors (age, training, gender, experience, size of companies, etc.), influence the perception of the usefulness of this information as a management tool.

Based on a quantitative methodology, a survey by questionnaire was applied to a sample of 232 companies included in the SME dimension, available in the Iberian Balance Sheet Analysis System (SABI) database, whose results allowed the development of an exploratory descriptive analysis.

The results show that accounting information is a resource for most SMEs. Several factors grouped into a profile were identified: Base consultation/Councils, Base formation/intuition, Base economic/financial and Base politics and social, which contribute to the use of accounting information in decision making. Managers/administrators trained in (management, economics, finance, auditing, accounting, administration, etc.) generally place more emphasis on accounting information. In another aspect, managers who have less academic training also consider that the accounting report is difficult to read, which leads some to never read the information produced by accountants.

**Keywords:** Decision making, SME, management, accounting

## **CAPÍTULO 1- INTRODUÇÃO**

### **1.1 – ENQUADRAMENTO DO ESTUDO**

A atual estrutura empresarial portuguesa é formada principalmente por pequenas e médias empresas (PME), estima-se que entre 70% a 80% das empresas são de cariz familiar (Leal, 2011). Em Portugal, e na Europa em geral, a maioria das empresas tem um padrão familiar e um papel importante pela sua grande relevância económica e social (Santos, Pires e Fernandes, 2018). A sua importância é reconhecida e justifica a opção de desenvolver esta investigação que visa segmentar a perceção dos gestores das PME quanto à influência da informação contabilística nas suas tomadas de decisão.

Uma organização usa as informações estrategicamente para dar sentido às mudanças no seu ambiente, para criar conhecimentos para a inovação e para tomar decisões. Esses processos aparentemente distintos são, na verdade, peças complementares (Choo, 1996).

Com efeito, a utilidade da informação financeira tem vindo a assumir um papel relevante no processo de tomada de decisão (Alves, 2015). Deste modo, a contabilidade, enquanto sistema de informação, pode ser considerada uma ferramenta importante de gestão (Oliveira, 1997).

Santos (2016) refere que as demonstrações financeiras são importantes para o processo de tomada de decisão, em particular no que respeita à utilização do balanço e da demonstração dos resultados. Reforça que a informação financeira é, fundamentalmente, utilizada para avaliar os impactos financeiros, apoiar na gestão corrente, tomar decisões de investimento e cumprir com obrigações fiscais, sendo muito evidente a importância que as empresas familiares atribuem à informação financeira como forma de dar cumprimento às obrigações fiscais.

## 1.2 – MOTIVAÇÕES PESSOAIS E OBJETIVOS DO ESTUDO

Ao longo de toda a trajetória profissional vemo-nos frente-a-frente com diversos sistemas e processos empresariais que conduzem à reflexão sobre a existência e os factos que motivam uma empresa a possuir determinado comportamento.

A minha experiência profissional, enquanto funcionário de uma empresa transnacional, despertou-me o interesse e curiosidade em perceber quais são as diferenças essenciais entre as grandes empresas e as PME. Em diversos momentos tive uma preocupação em procurar aferir, junto de alguns parceiros de negócios, informações sobre a importância que davam à contabilidade e à informação financeira para a gestão geral e a tomada de decisão das suas empresas.

Além das funções que desempenho quotidianamente, procurei sempre entender qual era o uso destas ferramentas para o sucesso do projeto empresarial, movido não apenas pela curiosidade, mas também pela vontade de crescimento profissional e a realização de projetos no futuro.

Esta busca de informações nunca foi realizada de uma forma sistemática ou científica. Em nenhum momento antes da presente dissertação havia pensado na possibilidade de, através de um questionário, sistematizar as informações para ter um quadro de referência sobre o universo decisório das PME.

Cada gestor respondia de acordo com a sua vontade, de maneira que era impossível recolher alguns dados em comum sobre a maneira pela qual se desenvolvia o processo de gestão, a partir daquilo que ouvia de cada empresa.

Consequentemente, o presente trabalho é uma continuação do percurso que venho desenvolvendo ao longo dos últimos anos. Rompe o ciclo de perguntas arbitrárias e de curiosidade do senso comum. Este trabalho estabelece a aplicação de paradigmas científicos na nossa curiosidade inicial.

O presente trabalho também serve para apontar possíveis caminhos que podem ajudar na gestão das empresas e contribuir para compreender qual é a perceção dos gestores portugueses sobre o tema em análise e em que sentido é possível alterá-la para uma visão de que a contabilidade e as informações financeiras são bons instrumentos, eficientes e eficazes, para a gestão.

Outros trabalhos têm sido desenvolvidos sobre o tema em análise. A título de exemplo, Nunes e Serrasqueiro (2004) analisaram a importância da informação contabilística atribuída pelos gestores das pequenas empresas na tomada de decisão

estratégica (que comporta as decisões de investimento, financiamento e distribuição de dividendos) e operacional (relacionada com as decisões de gestão corrente).

Percebe-se, que existem grupos diferentes de empresas quanto à importância atribuída à informação contabilística, segundo as decisões estratégicas e operacionais. Alves (2015) estudou os fatores que limitam a utilização da informação contabilística no processo de tomada de decisão de microempresas, e aponta alguns fatores como: A formação académica do gerente; a relação entre o gerente e o contabilista; a falta de capacidade do contabilista; se o contabilista não satisfaz necessidades do cliente, entre outros. O autor também analisou a relação com os fatores de insucesso deste tipo de entidades, identificando entre outros o desconhecimento da margem de contribuição, gestão inadequada, défice de planeamento e causas de origem externa.

### **1.3 – QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO**

Utilizando como população as PME sediadas em Portugal, este estudo procura analisar, de uma forma global, se as PME portuguesas atribuem importância à informação financeira como ferramenta de apoio à tomada de decisão. Assim, a questão central do trabalho é a seguinte:

- Qual é a importância que os gestores das PME atribuem à informação financeira obtida pela contabilidade para a tomada de decisão?

O objetivo desta pergunta guia é o de verificar a perceção das PME quanto à utilidade da informação financeira produzida pela contabilidade, ou seja, como esta categoria de empresa analisa o seu desempenho económico e financeiro e a partir desta análise executa o seu planeamento operacional e estratégico, no limite é possível verificar se há planeamento neste tipo de empresas.

Também foi possível analisar o comportamento dos diferentes gestores das PME em relação à informação financeira que recebem. Assim, tem-se uma hipótese inicial, baseada na literatura, de que os decisores das PME levam em consideração essa informação.

Uma segunda hipótese foi verificar a perceção que os gestores das PME têm sobre o trabalho executado pela contabilidade. Nesta hipótese pretende-se averiguar se os gestores das PME consideram que o trabalho executado pela contabilidade tem como função dar resposta às exigências do Estado, como o cumprimento das obrigações legais

e fiscais, e se o Estado é o principal interessado na informação contabilística (Dyt e Halabi, 2007; Holmes e Des, 1988; Nunes e Serrasqueiro, 2004).

#### **1.4 – ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO**

O presente trabalho foi dividido em cinco capítulos. Depois da presente introdução, onde se faz um breve enquadramento do estudo, se elencam as motivações pessoais e objetivos do estudo, bem como as questões de investigação e a estrutura da dissertação, segue-se a revisão de literatura.

O segundo capítulo contempla a abordagem a teóricos que abordam as PME e o ambiente económico, as características do Gestor/Proprietário das PME e do departamento contabilístico. Abordam-se conceitos como gestão, controlo, tomada de decisão.

No terceiro capítulo, apresenta-se a metodologia utilizada na investigação, abordando-se a amostra da investigação, os objetivos e hipóteses de investigação, o método utilizado, o instrumento de recolha de dados e a estrutura e conteúdo do questionário aplicado.

O capítulo seguinte contempla os resultados e a sua discussão e, por fim, segue-se a conclusão e as referências bibliográficas.

## **CAPÍTULO 2 – REVISÃO DE LITERATURA**

A literatura económica possui um imenso número de definições para conceituar o que é uma empresa. De um modo geral, e um pouco enciclopédico, uma empresa pode ser entendida como uma unidade económico-social. Esta unidade é resultado da reunião de elementos humanos, materiais e técnicos; estes elementos têm participação ativa no mercado de bens, no mercado de serviços ou em ambos os mercados. Neste sentido, a empresa é uma entidade legal que está totalmente sujeita às diferentes leis e normas do Estado ou dos diversos Estados ao qual pertence e nos quais atua.

A classificação das empresas não é tarefa fácil, pois este tipo de classificação não é consensual entre os investigadores sobre o tema e, ao mesmo tempo, existem definições jurídicas que variam de país para país. Assim, numa primeira análise consegue-se separar as empresas em categorias de estudo, de acordo com o tipo de atividade económica que elas desenvolvem. Ou seja, tem-se as empresas que exercem atividades no setor primário – aquele onde os diversos recursos existem na natureza, como no caso das atividades agrícolas, pesqueiras ou pecuárias; as empresas que realizam o seu trabalho no setor secundário – geralmente companhias que se dedicam à transformação das diversas matérias-primas, como siderurgias e construção civil; e, finalmente, as empresas que exercem atividades no setor terciário – são as firmas que prestam serviços para outras empresas ou pessoas individuais, ou então dedicam-se ao comércio.

Falando exclusivamente do caso de Portugal, é possível realizar algumas classificações mais específicas como, por exemplo, separar as empresas segundo com a sua constituição jurídica. Assim, num primeiro momento pode-se separar as empresas em individuais - aquelas pertencentes a uma única pessoa; e as societárias – que são as empresas formadas por um conjunto de pessoas. As sociedades podem ainda ser subdivididas, sendo que os três principais tipos são as cooperativas (geralmente conhecidas por sociedades de economia social), as sociedades de por quotas e as sociedades anónimas, ambas de responsabilidade limitada.

Outra forma de proceder à caracterização de uma empresa (também respeitando os padrões da legislação portuguesa) é quanto a respetiva titularidade de capital. Neste caso existem três tipos de empresa: as privadas, cujo capital está totalmente na posse de particulares; as públicas, que são as empresas controladas pelo Estado em sua totalidade; e as mistas, cujo capital está dividido entre particulares e o Estado, independentemente de sua divisão.

Finalmente, uma última forma de categorização que se pode realizar é com relação ao porte ou a dimensão da companhia. Deste modo, segundo a Recomendação 2003/361/CE, adotada pela Comissão Europeia em maio de 2003, temos uma tipologia que define o seguinte: **as microempresas são as que têm menos de dez empregados e volume de negócios até 2 milhões de euros**; as pequenas empresas são aquelas que possuem menos de 50 empregados e cujo volume de negócios vai até os 10 milhões de euros; as empresas médias, que podem possuir até 250 empregados nos seus quadros e um volume de negócios que chegue no máximo a 50 milhões de euros; e, por fim, as grandes empresas, que são aquelas que ultrapassam os limites descritos anteriormente. A tabela seguinte resume os critérios para a definição de PME:

**Tabela 2.1 - Critérios para a definição de PME (Recomendações da Comissão Europeia de 2003).**

<b>Categoria</b>	<b>Efetivos</b>	<b>Volume de negócios</b>	<b>Balanço Total</b>
<b>Média empresa</b>	< 250	<= 50 milhões de euros	<= 43 milhões de euros
<b>Pequena empresa</b>	< 50	<= 10 milhões de euros	<= 10 milhões de euros
<b>Microempresa</b>	< 10	<= 2 milhões de euros	<= 2 milhões de euros

Fonte: elaboração própria

Assim, como podemos constatar através da análise da Tabela 2.1, na categoria das Pequenas e Médias Empresas temos as médias empresas que são as que empregam menos de 250 pessoas e cujo volume de negócios anual não excede os 50 milhões de euros ou cujo balanço total anual não ultrapassa os 43 milhões de euros. Esta é a designação que foi adotada no presente trabalho.

Deste modo, será utilizada a divisão simplificada da tipologia de empresas, que é a classificação das PME segundo a norma europeia e justifica-se pelo facto do tecido empresarial português, à semelhança de outros países europeus ser constituído maioritariamente por PME. Esta categoria de empresas, representam cerca de 99,9% do total das empresas não financeiras em Portugal, segundo com a base de dados estatísticos da Fundação Francisco Manuel dos Santos (2020).

## 2.1 – CARACTERIZAÇÃO DAS PME

As PME são o motor da inovação e da criação de emprego na Europa. Ao longo dos anos, o seu papel na economia europeia foi amplamente reconhecido aos mais altos níveis políticos.

A definição e as características das PME não são fáceis porque existem vários tipos de acordo com a sua estrutura. Os aspetos quantitativos (número de funcionários, volume de negócios, balanço total.) são os mais comumente usados para identificar e caracterizar as PME das grandes empresas. Floyd & McManus (2005) apontam a flexibilidade das PME como um fator diferenciador, porque esse recurso permite-lhes resposta de maneira mais oportuna e eficiente do que as estruturas menos versáteis típicas das grandes empresas.

De acordo com Floyd & McManus (2005), o potencial das PME é grande, no entanto, devido à discriminação negativa, requerem uma atenção adicional do Estado para garantir as melhores condições para o seu sucesso.

Nos critérios financeiros a empresa goza de alguma liberdade para optar em cumprir o limite do volume de negócios ou o limite do valor máximo do seu balanço total. Não é preciso ser rigorosa em ambos, a legislação permite exceder um deles sem perder o estatuto de PME.

Qual seria o motivo de uma definição flexível? Os próprios documentos oficiais consideram que pela natureza do ambiente de negócios e do setor de atuação as empresas têm comportamentos diferentes. Quem atua nos setores de comércio e da distribuição têm volumes de negócios superiores aos das companhias que estão no setor da indústria transformadora, por exemplo. Assim, fazer a opção entre o volume ou o balanço permite que, ao fim e ao cabo, as PME recebam um tratamento mais equilibrado e equitativo, mesmo quando exercem diferentes tipos de atividades económicas. As próprias empresas, ao comparar os seus dados com os limites estabelecidos, podem determinar/avaliar se são enquadradas como micro, pequena ou média empresa.

Como o critério rígido para definir o enquadramento de uma PME é o número de pessoas que trabalham para a organização é preciso, então, entender as normas sobre as atividades laborais.

De acordo com dados incluídos no último estudo do Instituto Nacional de Estatística (2020), em Portugal existem 1.299.750 pequenas, médias e microempresas, representando 99,9% do total das empresas do setor não financeiro.

As PME também são responsáveis por 78,66% do pessoal ao serviço pelas empresas no setor não financeiro, e as grandes empresas 21,34%, correspondendo a cerca de 883.488 empregos.

Do total do volume de negócios 226.732 mil milhões de euros são gerados pelas PME, representando 61,1% do total, enquanto as grandes empresas representam cerca de 38,9%, e que se traduz em cerca de 144.743 mil milhões de euros.

Quanto ao Valor Acrescentado Bruto (VAB) gerado no ano 2020, continua a ser proveniente das PME que representa 65,8%, o que corresponde a 61.974 milhões de euros. As grandes empresas contribuem com cerca de 34,2% do total do VAB, representando cerca de 32.212 mil milhões de euros.

Do total dos gastos com o pessoal das empresas do setor não financeiro em cerca de 60.860 mil milhões de euros, as PME representam cerca de 66,9% e as grandes empresas representam 33,1%.

Por último, o Excedente Bruto de Exploração (EBE), as PME apresentam um valor de 23.035 mil milhões, o que representa 66% do total, enquanto as grandes empresas apresentam 12.217 mil milhões, que representa 34%.

Como se pode observar pelos indicadores referidos as PME têm um enorme peso na economia portuguesa, representando em 2020:

- 99,9% do tecido empresarial não financeiro;
- 78,7% do emprego;
- 61,1% do volume de negócios;
- 65,8% do VAB;
- 66% do EBE.

O Quadro 2.2 apresenta em detalhe os indicadores comentados no texto acima.

Quadro 2.2 INDICADORES ECONÓMICOS DAS EMPRESAS EM PORTUGAL, 2020

	Empresas		Pessoal ao serviço		Volume de negócios		VAB		Gastos com o pessoal		EBE	
	2020	TV. 19-20	2020	TV. 19-20	2020	TV. 19-20	2020	TV. 19-20	2020	TV. 19-20	2020	TV. 19-20
	Nº	%	Nº	%	10 <sup>6</sup> Euros	%	10 <sup>6</sup> Euros	%	10 <sup>3</sup> Euros	%	10 <sup>6</sup> Euros	%
Total das empresas	1 316 256	-1,4	4 233 990	-2,0	395 054	-10,2	104 220	-9,1	64 789	-1,8	41 333	-15,4
Empresas não financeiras	1 301 000	-1,3	4 140 136	-2,0	371 476	-10,0	94 187	-9,8	60 860	-1,7	35 252	-17,2
<i>Forma jurídica</i>												
Empresas individuais	850 584	-3,3	924 500	-4,3	13 739	-13,1	6 494	-14,4	1 115	-11,9	5 532	-14,6
Sociedades	450 416	2,6	3 215 636	-1,3	357 736	-9,8	87 692	-9,4	59 745	-1,5	29 720	-17,7
<i>Dimensão</i>												
PME	1 299 750	-1,3	3 256 648	-1,5	226 732	-7,4	61 974	-8,4	40 701	-0,3	23 035	-15,0
Grandes	1 250	-3,2	883 488	-3,8	144 743	-13,7	32 212	-12,4	20 159	-4,6	12 217	-21,1

Fonte: INE (2020)

Uma empresa não é considerada uma PME se 25% ou mais do seu capital social (ou direitos de voto) forem controlados de forma direta ou indiretamente, por organismos públicos. Justamente por não ser rígida a fronteira entre a empresa e o organismo ao qual ela está vinculada.

Entretanto, no caso de Portugal, há uma exceção no caso das universidades ou autoridades locais e autónomas que, nos termos da legislação portuguesa são organismos públicos, não são abrangidas por esta regra do limite de 25%. Existe outra regra que permite subir o teto de participação do Estado até um máximo de 50% dos direitos de voto na empresa. Neste caso a empresa continua a ser uma PME.

Mesmo com todo o detalhe da atual legislação sobre as PME o trabalho de Bortoli (1980) continua atual, pois estabelece doze pontos básicos que permitem perceber, de forma intuitiva, aquilo que são, na generalidade, as PME e distingui-las dos outros tipos de empresas. Este conjunto de características listadas pelo autor ajudam a identificar as PME sem a necessidade de recorrer aos critérios estabelecidos na legislação ou documentos oficiais, nomeadamente:

- 1) A figura do gerente confunde-se com a figura do proprietário;

- 2) Têm uma estrutura organizacional simples;
- 3) São geralmente empresas não cotadas em bolsa;
- 4) Têm um poder negocial reduzido perante a banca, fornecedores e clientes;
- 5) Atuam preferencialmente num mercado regional ou nacional;
- 6) O processo de tomada de decisão é influenciado pelos fundadores da empresa;
- 7) A mão-de-obra é pouco qualificada;
- 8) No momento do recrutamento de mão-de-obra, a gerência revela preferência pelo grupo familiar do proprietário em detrimento da competência profissional;

## 2.2 – AS PME E O AMBIENTE ECONOMICO

A habilidade de tomar decisões é fundamental no campo da Administração das organizações. Para Chiavenato (2004, p. 255) processo decisório é o caminho mental que o gestor utiliza para chegar a uma decisão.

*“A decisão ocorre sempre quando nos deparamos com cursos alternativos de ação, ou seja, quando podemos fazer algo de duas ou mais maneiras diferentes. Essa encruzilhada de alternativas conduz à necessidade de decisão. Quando só existe uma única maneira para fazer algo, não há decisão a tomar”. (Chiavenato, 2004, p. 252).*

A tomada de decisão é o processo fundamental de resolução de problemas, onde várias opções foram tomadas para que a organização obtenha os melhores resultados, considerando as condições reais e ideais. Muitas organizações conduzem à tomada de decisão é a tarefa mais importante para os gestores, porque o foco do controle da gerência depende principalmente do grau de eficiência e eficácia das características da aplicação e da qualidade da atividade. Os sistemas de informação ajudam os gestores a trocar e divulgar informações, embora sejam limitados nas suas recomendações para o processo de tomada de decisão da gerência.

De acordo com Lourenço (2017) Nos últimos anos, houve um aumento de empresas que divulgam informações não financeiras substanciais. Esta situação está relacionada com a divulgação da informação na perspectiva do stakeholder em que há uma ênfase crescente em incorporá-lo às estratégias organizacionais das entidades. Os

mercados e os investidores exigem maior confiabilidade e credibilidade dessas divulgações, certificadas e emitidas por entidades independentes.

A informação que se pode obter neste meio é informação ordinária de todos os dias. Nestes casos é fácil entender que a informação assume outra dimensão e deve ser de natureza financeira e económica, a maioria dos quais passará registos contabilísticos (Feliciano, 2015). A informação financeira, pela sua natureza, permite a tomada de decisões e neste sentido, deve ser possível atender às necessidades de seus usuários (Lungo, 2013). Devido ao nível de risco envolvido nos negócios, a informação financeira deve ser credível (Feliciano, 2015).

Como vimos anteriormente as empresas inserem-se em ambientes sociais que estão cada vez mais instáveis e incertos. A evolução da tecnologia evolui a cada dia, os interesses dos clientes que têm constantemente novas exigências, os diferentes desafios da globalização e distintas catástrofes conduzem à necessidade de as empresas terem de se adaptar a realidades de diferentes países e culturas. Ao mesmo tempo as crises económicas que se fazem sentir, veja-se a crise provocada pelo Covid-19 mais recentemente, traz às empresas um enorme desafio.

As PME são naturalmente mais vulneráveis a estas alterações repentinas do ambiente económico. Apesar de serem consideradas empresas com algumas vantagens adaptativas em relação às grandes empresas devido à grande flexibilidade administrativa, a verdade é que muitas PME têm um acesso bastante limitado aos recursos materiais e financeiros, fazendo com que tenham uma menor capacidade de competição (Aragon-Sanchez e Sanchez-Marin, 2005). Assim, muitas vezes é necessária a intervenção do Estado para que estas empresas possam garantir a sua continuidade, como está demonstrado nos atuais apoios financeiros da União Europeia para as PME de seus Estados membros, Portugal incluído.

Neste sentido, o provérbio popular que diz conhecimento é poder demonstra-se na prática. A literatura económica já refere, há tempo, que as fontes de informação são um recurso indispensável para a competitividade das organizações. Assim, a informação contabilística está cada vez mais eficiente no apoio ao gestor e diversos autores a consideram como uma das fontes de informação mais importantes, como afirmam Hall (2010) ou Dyt e Halabi (2007).

Nos textos teóricos, de um modo geral, verifica-se que muitas empresas utilizam a contabilidade no apoio à gestão Aragon-Sanchez e Sanchez-Marin (2005). Entretanto, as

investigações sobre o tema também demonstram que as PME, em particular, não fazem qualquer uso desta fonte de informação para fins de gestão Jawabreh, Mahmoud, & Alrabei (2012), o que demonstra a existência de uma visão diferente do negócio entre as empresas maiores e as empresas menores. Sendo assim, não é possível pensá-las na generalidade, tona-se necessário ter estudos específicos para empresas de maiores e menor dimensão, como também as novas ideias e oportunidades podem significar superar a concorrência (Gupta, 2008).

Sendo a informação financeira considerada sem utilidade (para algumas entidades), coloca-se a seguinte questão: por que as PME produzem informações contabilísticas? A resposta é simples: pela obrigatoriedade legal de todas as empresas portuguesas possuírem a contabilidade organizada. Ou seja, os gestores das PME em Portugal parecem considerar que este tipo de informação tem apenas a finalidade do cumprimento das obrigações legais/fiscais e, no entendimento deles, será o Estado o principal elemento interessado na informação contabilística das empresas de acordo com (Moreira, Encarnação, Bispo, Angotti, & Colauto, 2013).

### **2.2.1- BREVES CARACTERÍSTICAS DO GESTOR/PROPIETARIO DAS PME**

As muitas características existentes no gestor de uma empresa como: o carácter, formação e meio cultural, podem influenciar o valor que os mesmos atribuem às informações contabilísticas que têm à disposição. Analisando-se a literatura sobre o tema percebe-se que os diferentes autores consideram que os fatores de maior impacto nesta valoração são o nível de escolaridade formal do gestor e os seus conhecimentos financeiros.

Seguindo esta perspetiva, observa-se que, quanto maior for o grau de escolaridade formal do gestor, maior será a importância atribuída ao uso da informação contabilística. Esta importância será ainda mais elevada caso ele tenha algum tipo de formação/conhecimento em gestão/finanças (Gouveia, Fernandes e Gonçalves, 2015).

O estudo de Gouveia *et al.* (2015) demonstrou que a principal razão apontada pelos gestores para o facto da não utilização das informações contabilísticas que têm disponíveis são os seus limitados conhecimentos do jargão da contabilidade, da gestão e das finanças. Neste estudo os gestores admitiram também que se houvesse a possibilidade

do uso de uma linguagem e/ou apresentação de dados mais simples, possivelmente, passariam a utilizar a informação contábilística com mais frequência.

Entende-se, a partir disso, que os gerentes de algumas PME não compreendem os dados e as informações que são fornecidas pelo departamento/serviço de contabilidade, nomeadamente as informações contidas nas demonstrações financeiras como a demonstração de resultados da empresa, o balanço, e outros instrumentos de apoio.

Contudo, no seu estudo, Gouveia *et al.* (2015) descobriram que são os gestores mais fortes e os mais experientes aqueles que mais valorizam as informações produzidas pela contabilidade. Assim, eles fazem maiores exigências aos contabilistas com o objetivo de conseguirem obter toda a informação que necessitam.

## **2.2.2- BREVES CARACTERÍSTICAS DO DEPARTAMENTO CONTABILÍSTICO**

Para além das características do gestor e da organização da empresa, outro fator que condiciona fortemente a utilização da informação/dados da contabilidade é a maneira pela qual ocorre a comunicação das informações e o tipo de serviço de contabilidade de que as empresas dispõem.

Neste sentido, verifica-se que a maior parte das PME recorrem à contratação de serviços de contabilidade *outsourcing* (Gouveia *et al.*, 2015). Todos os estudos sobre o *outsourcing* na contabilidade demonstram que existe uma diferença significativa na utilização de informação contábilística quando esta é produzida internamente e quando ela vem de um serviço externo, através da subcontratação de serviços de contabilidade. Desta forma, empresas que produzem a contabilidade internamente tendem a utilizar mais a informação contábilística.

Um estudo conduzido por Nunes e Serrasqueiro (2004) mostrou que as empresas que utilizam mais eficazmente a informação contábilística são aquelas que possuem contabilidade feita na própria empresa. Da mesma forma, aquelas empresas que fazem uma menor utilização dos dados contábilísticos são as que possuem contabilidade externa. Este estudo também permite perceber que quando a contabilidade da empresa é feita externamente o nível de educação formal do gestor geralmente está entre o básico e o secundário. Isto pode ser uma indicação que existem dificuldades para fazer a análise e a interpretação das várias demonstrações financeiras.

Como se viu anteriormente, a maioria da informação contabilística solicitada pelos gestores das PME tem como finalidade o cumprimento das diversas obrigações legais e fiscais. Tal comportamento pode revelar falta de conhecimento por parte do gestor acerca da informação que o serviço de contabilidade pode proporcionar aos gestores ou mesmo em que momento o serviço de contabilidade está a falhar no fornecimento de informações para a empresa.

Nunes e Serrasqueiro (2004) detalham ainda mais algumas barreiras a uma boa comunicação e utilização dos dados contabilísticos, principalmente a existência de informações relevantes que não são facultadas aos gestores. Também existe o facto de que os gestores podem não compreender as informações constantes nas demonstrações financeiras, mas reunirem-se com o contabilista para analisar as contas da empresa. Outro fator é a idade ou a experiência do contabilista que podem influenciar a sua participação nas decisões da empresa.

Na revisão da literatura, para entender o estado da arte, verificou-se que os gestores têm uma grande preferência pela comunicação verbal e direta. Têm o hábito de dar prioridade ao contacto com as pessoas em reuniões ou em discussões informais (Cascais, 2021; Clarke e Cornelissen, 2011; Lama e Shrestha, 2011). No entanto, apesar do valor dado a esta comunicação direta, a maior parte da informação contabilística de uma empresa é transmitida aos gestores através das formas indiretas, ou seja, documentos escritos e relatórios que atualmente nem chegam em papel, mas em formato eletrónico (Grilo, 2014; Santos e Alves, 2017).

### **2.3 - AS DECISÕES FINANCEIRAS**

Para qualquer tipo de organização a qualidade da informação financeiras com as quais se trabalha e sobre as quais se constrói os planos de curto, médio e longo prazo é essencial. No entanto, toda a informação só se torna efetiva quando é capaz de ser transformada em conhecimento. Hoje encontramos-nos num ambiente em que uma percentagem significativa da população mundial trabalha a partir da obtenção e tratamento de informação.

Diversos estudos desenvolvidos no campo das Ciências da Comunicação destacam as diferentes características de uma informação de alta qualidade (Mai, 2013; Valente e Fujino, 2016). Basicamente a qualidade da informação está contida na sua

relevância e na sua confiabilidade. Gouveia e Ranito (2004) acrescentam que para uma informação ter qualidade ela deve ser:

- Precisa (Deve conter dados verdadeiros e corretos, revelando com rigor e fiabilidade a realidade que descreve)
- Oportuna (Capacidade de chegar até o seu destinatário no momento certo, sem necessidade de ser complementada por dados adicionais)
- Completa (Deve revelar com precisão todos os factos importantes)
- Concisa (Informação que o usuário compreenda rapidamente)

Assim, a obtenção de informações de total qualidade no momento mais oportuno por parte de uma organização irá significar uma melhor tomada de decisão. Portanto, uma empresa que tenha a capacidade de obter informação de qualidade detém uma enorme vantagem competitiva comparada relativamente aos seus concorrentes (Porton e Longaray, 2006).

Desde o início do século XX as diversas correntes de estudo sobre a comunicação estabeleceram que existem alguns processos essenciais da dinâmica da informação para que esta possa ter um papel relevante para todos os tipos de organização. A observação básica é que a comunicação faz parte fundamental da vida social e das diferentes atividades humanas, daí que toda a informação que circula no processo comunicacional necessita estar plenamente adequada com as seguintes variáveis, que são essenciais na vida da instituição:

1. **Uso da Informação para interpretação do ambiente externo** - A organização está inserida num ambiente económico dinâmico e incerto, que influencia o próprio desempenho financeiro e produtivo da empresa. Desta forma, torna-se necessária uma constante observação do ambiente externo no que diz respeito às suas mudanças, para serem identificáveis as diferentes ameaças ou para a prospeção de novas oportunidades.
2. **Geração de novos conhecimentos** – A produção e o processamento de informação facilitam, para a organização, o desenvolvimento de novos tipos de conhecimentos, que por um lado permitem que a empresa possa desenvolver novas capacidades (humanas ou de produtos), novas competências ou tecnologias, e melhore os seus processos e desempenhos.
3. **Utilização de informação para a tomada de decisão** – Isto significa a utilização de informações completas e verdadeiras sobre os objetivos da empresa para o futuro; quais as possíveis alternativas e previsões realizadas para auxiliar no processo de tomada de

decisões racionais. Isto é válido para o conjunto da organização ou pode ser usado num determinado setor da empresa.

A partir destas breves considerações relativas ao processo de comunicação, volta-se ao foco deste trabalho, que assenta sobre PME. Assim, pode-se afirmar que no caso específico destas empresas todo o processo de recolha, seleção e tratamento das informações é realizado de forma mais simples, dado que o universo interno deste tipo de empresas tem uma dimensão, uma dinâmica e uma estrutura muito mais reduzida e simples. Exceção apenas para aquelas que, apesar de PME, atuam no mercado a nível global.

Para as PME, de uma maneira geral, o processo de recolha, seleção e tratamento de informação normalmente é realizado de um modo que se pode considerar como sendo informal e subjetivo.

### **2.3.1 – TOMADA DE DECISÃO**

Como foi dito acima, a informação financeira é um pilar importante para a tomada de decisão em qualquer tipo de organização. Assim sendo, pode-se afirmar que a informação financeira faz parte do cardápio de ferramentas que uma instituição tem à sua disposição para utilizar. Entretanto, este tipo de informação satisfaz apenas uma parte das necessidades da empresa, pois nem todas as perguntas que necessitam de respostas para conduzir a uma ação serão supridas apenas pelas demonstrações financeiras.

As demonstrações financeiras são preparadas e organizadas com o objetivo de proporcionar um tipo de informação útil que contribua para o processo de tomada de decisão. São estruturadas de modo a responder às necessidades da maior parte dos seus utilizadores. Entretanto, diferentes autores ao longo dos anos concordam que é da responsabilidade dos administradores a preparação das demonstrações financeiras sendo que é possível exigir, caso os interessados tenham possibilidades, mais informações do que as que as demonstrações financeiras contêm (Almeida, 2012; Bezerra, 2012; Oliveira, 1997; Rodrigues, 2011; Santos, 2014).

Mesmo que este tipo de informação possua um papel de extrema importância para as instituições decorrentes da existência de uma elevada/agressiva competitividade, de ciclos de negócios cada vez mais rápidos, do ciclo de vida dos produtos cada vez mais curtos e com margens de lucro muito apertadas; a utilização de uma informação de qualidade é, cada vez mais, um fator ou um elemento crucial no momento de tomada de

decisão. Porém, esta importância não assume igual relevância para as empresas porque nem todas têm igual dimensão, nível de complexidade, tipo de riscos e nível de pressão de elementos externos para prepararem informação financeira em quantidade e qualidade que os satisfaça. Segundo (Santos, 2014), a gestão é individualizada, e a informação relevante difere de empresa para empresa.

Ainda nos dias de hoje, com todas as facilidades dos sistemas informáticos, muitas empresas não dispõem de sistemas de informação integrados e para se organizarem recorrem a *outsourcing*, ou seja, contratam empresas especializadas para a preparação da informação financeira. Num certo sentido, esta ação gera informação mais barata, mas, por outro lado, existe o risco de receber uma informação de menor qualidade.

Esta opção do *outsourcing* pode, normalmente, acontecer naquele tipo de instituições em que existe uma iliteracia em relação à gestão, isto é, por um verdadeiro desconhecimento sobre as potencialidades e virtudes da informação financeira. No entanto, as possíveis decisões decorrentes de informações prestadas pelos serviços de terceiros podem não ser as melhores.

Segundo o estudo de Nunes e Serrasqueiro (2004), quando toda a informação financeira é preparada pela própria empresa os administradores/gerentes têm tendência em atribuir-lhe uma maior importância e muito mais utilidade para a tomada de decisão no que se refere ao investimento, ao financiamento ou simples decisões operacionais. Neste sentido, os autores apontam para indícios de que quando a informação financeira é preparada por elementos que são externos à empresa a sua finalidade tende a ser, quase exclusivamente, para satisfazer as necessidades de cumprimento das diversas obrigações legais e fiscais.

Deste modo, torna-se necessário ter sempre em conta que quando esta informação financeira é preparada e/ou deixada totalmente a cargo de elementos que são externos à empresa existe um imenso risco de que os dados contidos nos diversos documentos e informativos podem não responder a todas as necessidades das PME.

Recorrendo-se à literatura sobre gestão, nota-se que existem indicações de que quando a informação financeira é preparada externamente à empresa, na maior parte dos casos, o nível de formação académica específica dos proprietários/gestores tende a ser reduzido ou inexistente. Isto acontece porque eles possuem um baixo nível de educação formal ou, porque possuem formação fora da área de gestão. Nas duas situações estes proprietários/gestores sentem-se incompetentes para tratar dos pormenores financeiros.

Santos (2014) considera ainda na sua investigação que este pode ser o principal motivo para que estes quadros decisores da empresa tenham grande desinteresse na utilização das informações financeiras que possuem. Deste modo, todo o processo de tomada de decisão na empresa é realizado quase que à revelia da situação real da empresa. Geralmente os decisores nas PME não têm em atenção os indicadores de lucratividade das atividades desenvolvidas na empresa e, no limite, tomam decisões sem consultar a demonstrações financeiras.

Segundo Laureano (2006) e Santos (2014), os administradores/gerentes nas PME possuem poucos conhecimentos (ou nenhum) sobre a função da contabilidade e os seus respetivos benefícios para a gestão da sua empresa. Em geral, estes decisores utilizam a informação financeira exclusivamente para cumprir com os seus propósitos fiscais.

Todas as pessoas que trabalham direta ou indiretamente com a contabilidade sabem que o Estado, por diversas razões e por diferentes propósitos, exerce uma crescente e progressivamente pressão fiscal sobre as empresas privadas. Este fator fez com que se perdesse de vista a finalidade básica ou o objetivo principal da contabilidade numa instituição, e esta passou a ser simplesmente uma obrigação oriunda do Direito Fiscal. Em geral, é esta a visão resumida das PME: a contabilidade é condicionada pelo exercício fiscal do Estado.

Dessa maneira, a ideia geral é de que a contabilidade não se constitui num instrumento de gestão financeira que é capaz de fornecer informações úteis e de qualidade aos mais diversos utilizadores, mas antes, é vista apenas como uma formalidade para satisfazer as obrigações fiscais da empresa, nomeadamente apurar e recolher os impostos (Passos, 2010).

Pode-se entender pela literatura pesquisada que, em regra, essas empresas muito pequenas têm associado à sua maneira de gestão e de controlo algumas operações simples e realizam todas as suas atividades sem a necessidade de recorrerem a modelos de gestão mais sofisticados. Nestas empresas, normalmente, a propriedade e a gestão encontram-se concentradas num único proprietário ou na família, de maneira que não se lhes apresentam grandes exigências a respeito do nível de informação que precisam para justificar e monitorizar as suas decisões (Almeida, 2010; Brêtas, Soares e Brandão, 2011; Freitas e Barth, 2011; Nascimento, A, Kreisig, D, Springer, F. e Petry, L, 2005; Nascimento, A. e Petry, L, 2006). Percebe-se que na verdade a decisão de qualquer ação empresarial é um ato pessoal, no caso dessas PME.

As exigências de informação financeira por parte dos gestores em países nos quais os negócios se apresentem com estruturas simples como em Portugal tendem a ser baixas. Nesta situação, as empresas têm necessidades muito específicas e todas as necessidades de informação financeira tendem a ser satisfeitas de uma forma muito mais direta, pois como referido o principal utilizador é geralmente o Estado. Este processo faz com que as necessidades de preparar e divulgar a informação financeira sejam muito reduzidas em relação a empresas de maior dimensão, pois o universo empresarial em que este tipo de PME está inserido comporta facilmente a existência de relacionamentos estreitos e de conhecimentos pessoais.

Por este motivo, é necessário a partir deste ponto passar para a definição de duas variáveis importantes para se compreender a vida de uma instituição empresarial: a gestão e o controlo. Ambas definem os marcos de atuação da empresa.

### **2.3.2 – CONTROLO DE GESTÃO NAS PME**

Nobre (2001) afirma que o objetivo do controlo de gestão no caso das PME é confundido, na maioria das vezes, com a sua função financeira. Este é um cenário que acontece, principalmente, porque o gerente/administrador deste tipo de empresa não consegue ou não consegue diferenciar as tarefas em que o controlo de gestão deveria englobar uma parte mais ampla do universo empresarial, isto é, a gestão dos recursos humanos, a área comercial, a produção e, também, a área financeira.

Pode-se definir o controlo de gestão como um sistema desenvolvido com o objetivo de assegurar a adaptação da empresa a todas as mudanças ambientais e que garante que o comportamento dos trabalhadores da instituição vai ao encontro das metas definidos, estabelecendo a integração necessária entre o controlo e a estrutura empresarial (Frenckner, 1998).

As competências do controlo de gestão incluem o desenvolvimento, dentro da estratégia da empresa, dos instrumentos práticos para a gestão concebidos pelos gestores para a sua própria utilização. Em termos teórico-conceituais, existem diversas definições para o que é o controlo de gestão; no entanto, a definição que possui um melhor enquadramento talvez seja a ideia de que o controlo da gestão trata de “estimular, responsabilizar, gerir com rigor e êxito” (Jordan, Neves & Rodrigues., 2007: 21). Por experiência empírica sabe-se que a evolução, no sentido de progresso, ou a estagnação do

sistema de controlo de gestão dependerá, essencialmente, da cultura da empresa que o aplica.

Jordan *et al.* (2007) descreveram oito características ou atributos que demonstram o seu conceito sobre controlo de gestão:

- Os objetivos de todas as instituições são de natureza diversa;
- Os instrumentos usados para o controlo de gestão não se referem exclusivamente à dimensão financeira;
- Verifica-se a descentralização das decisões e a delegação de autoridade;
- Existirá a todo o momento uma convergência de interesses em toda a empresa;
- A conceção dos instrumentos de controlo da gestão é feita para possuir aplicação prática;
- A tendência é olhar fundamentalmente para o futuro da empresa e não apenas o passado;
- O controlo da gestão deve atuar muito mais sobre os recursos humanos do que sobre os números;
- Deve prever sanções e recompensas;
- Mais do que os responsáveis, ou controladores de gestão, os atores principais do controlo de gestão são os responsáveis operacionais.

A partir dessa descrição percebe-se que o controlo de gestão é encarado como um instrumento fundamentado pela contabilidade de gestão, nomeadamente nas PME. Por esse motivo torna-se necessário mostrar os fundamentos da contabilidade da gestão, a sua evolução ao longo do tempo e o seu posicionamento no controlo de gestão.

Logo, quando tratamos de aspetos relacionados com a contabilidade de gestão pode-se pensar em duas abordagens para proceder a uma definição: a primeira delas consiste em considerá-la uma simples vertente da contabilidade, enquanto a segunda abordagem irá definir a contabilidade de gestão como um elemento importante do processo estratégico de tomada de decisão numa empresa.

No seu início, a contabilidade de gestão assentava-se em modelos matemáticos orientados para a economia. Modelos nos quais se enfatizava a teoria em relação à prática. No entanto, este cenário mudou no fim do século passado, pois existia pouca proximidade entre a teoria e a prática. A contabilidade de gestão era limitada ao seu espaço e o contato com as organizações, a experiência e a prática eram remetidas para segundo plano.

No mundo real dos negócios cada empresa tem a sua maneira de adequar a contabilidade de gestão ao seu dia a dia, sem seguir modelos teóricos, que servem apenas para estudar a aplicação prática da contabilidade de gestão. Tanto que os investigadores do tema tentam compreender a complexidade dos processos de mudança da contabilidade de gestão, deparando-se com a existência de uma diversidade metodológica que inclui uma perspetiva interpretativa e crítica da relação entre finanças e contabilidade de gestão.

Neste sentido, pode-se dizer que a informação proporcionada pela contabilidade constituiu-se num importante instrumento de apoio à gestão para qualquer empresa, independentemente do setor de atividade e da sua dimensão, oferecendo-se como um suporte para a tomada de decisão, mas este instrumento também tem que passar pelo crivo do resultado entre o custo da sua preparação e o retorno esperado, ou seja, do nível de utilidade que será capaz de satisfazer. Normalmente, as empresas tendem a preparar apenas a informação financeira a que estão obrigadas por lei devido ao custo que as empresas têm com a preparação da informação financeira.

### **2.3.3 - CONTROLO**

O controlo é uma função que cabe quase que exclusivamente ao gestor. Se se comparar as diferentes definições veremos que o denominador comum colocará o controlo organizacional como o conjunto de todas as ações feitas mediante uma avaliação prévia (ações calculadas) com a perspetiva de influenciar a probabilidade de um setor da empresa ou mesmo do conjunto dos seus funcionários comportarem-se nos diversos cenários que conduzem à realização de objetivos organizacionais previamente definidos (Vasile e Croitoru, 2012).

Fazendo-se um levantamento do estado da arte sobre o tema do controlo verifica-se em toda a literatura que existem uma série de passos essenciais para ele ser funcional e também uma realidade nos planos de qualquer tipo de empresa.

Deste modo, o primeiro destes passos consiste em estabelecer quais são as expectativas da instituição para, a partir daí, traçar um caminho orientador a ser percorrido ao longo de um determinado tempo (Abbas e Asghar, 2010).

Em seguida, terminada a primeira tarefa, deve-se prever, planear e estabelecer avaliações de desempenho ordinariamente ao longo de todo o processo de modo a medir o alcance das expectativas previamente definidas e comparar a evolução real do caminho percorrido com as metas estabelecidas. É importante dizer que a avaliação, para ser um

instrumento eficiente e eficaz, tem um caráter de orientação e não deve ser vista como uma forma de vigilância ou punição (Abbas e Asghar, 2010).

O último passo tem relação com a avaliação, ou seja, devem ser tomadas todas as medidas adequadas quando o caminho escolhido não corresponde ao definido no início do processo ou preparar uma série de medidas de prevenção quando o caminho percorrido está dentro das expectativas, mas existem cenários adversos. No limite, deve-se rever as expectativas, reorientar os objetivos e recomeçar todo o processo quando está demonstrado que não é possível continuar pelo caminho traçado inicialmente (Abbas e Asghar, 2010).

Pode-se ainda verificar que Fisher (2005) constatou a existência de dois tipos de controlo ao nível comportamental nas instituições: por um lado existe o controlo onde a ênfase está no comportamento dos subordinados na empresa, ele é essencialmente realizado a partir de uma estrutura organizacional rígida e uma cultura empresarial cristalizada, aliada a uma política de recursos humanos que molda os funcionários desde o recrutamento. Isto decorre do facto de a empresa ser constituída por indivíduos, grupos de indivíduos e ter uma estrutura organizacional mais complexa.

A outra vertente de controlo examinada por Fisher (2005) é o controlo cibernético dos comportamentos. Aqui vários níveis e tipos de desempenho entrecruzam-se e são padronizados dentro dos parâmetros que a empresa julga importantes. Este controlo comportamental implica no uso de ferramentas da psicologia e na consolidação de práticas empresariais rígidas tanto no nível da estrutura e quanto no nível do pessoal.

Sem importar os pormenores dos dois tipos, Fisher (2005) define o controlo como sendo uma ferramenta que é capaz focar e de criar todas as circunstâncias para que qualquer tipo de organização se sinta motivada para atingir os resultados propostos da melhor forma. Herath (2007) também pode ser citado com o seu contributo ao tema por considerar o controlo como uma importante função inerente aos gestores. Para tal, ele vai definir o controlo como "a última função no processo de gestão" e como forma de "manter as coisas no bom caminho".

Ao longo do tempo o controlo dentro das empresas foi caracterizado tendo em vista uma grande diversidade de cenários: formais e informais; assumindo diversas formas, como controlo comportamental, de mercado, burocrático, administrativo, de resultados e de ações. Ao buscar o seu fundamento verifica-se que ele não é mais do que um elemento importante para minimizar ao máximo a tensão existente nas empresas.

Scheytt, Soin, Sahlin e Power (2003) consideram que o controlo é um dos conceitos mais importantes e complexos mesmo verificando que não é totalmente compreendida a sua importância no contexto internacional. Seja por questões culturais, seja por questões linguísticas, este conceito é sempre interpretado de forma diferente nas diversas culturas europeias. O que resulta daí é que por um lado existe uma diferente compreensão das práticas de gestão contabilística e de controlo e, por outro, da maneira como essas práticas são transferidas e percebidas.

## **CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA**

A metodologia utilizada para conduzir o presente estudo é apresentada neste ponto e contempla a amostra, objetivos e hipóteses de investigação, método de investigação e instrumentos de recolha de dados (questionário) e métodos estatísticos utilizados.

### **3.1 – AMOSTRA DA INVESTIGAÇÃO**

A amostra das empresas objeto de estudo foi obtida através do Sistema de Análise de Balaços Ibéricos (SABI). O SABI é uma base de dados com informação económico financeira atual e históricas de entidades portuguesas e espanholas.

Conforme referido anteriormente, a população alvo deste estudo são as pequenas e médias empresas (PME), de acordo com o critério definido na tabela 2.1, sediadas na região do algarve.

O instrumento de recolha de dados utilizado foi um questionário, baseado no instrumento criado por Gouveia, H (2014). A formulação das questões foi pensada de forma a determinar 1) Identificação da empresa - 6 perguntas, 2) Identificação do gerente/administrador que preenche o questionário - 8 perguntas, 3) Utilidade da informação contabilística e financeira - 17 perguntas, somente 1 delas no contexto do covid 19. As três partes do questionário em conjunto totalizam 31 perguntas

Foi feita uma busca estratégica: 1. Região do País, a qual é o Algarve, 2. Número de empregados de 0 até 50 como máximo, 3. Resultado operacional de 0 como mínimo até 4 milhões de euros como máximo, 4. Ativos totais de 0 até 8 milhões de euros como máximo. E foi enviado o questionário, por via email, a um total 9.784 empresas, geograficamente restrito à região do Algarve e obtiveram-se 285 respostas, das quais 232 cumpriram com o exigido e 53 não cumpriram com o exigido, o que corresponde a uma

taxa de resposta 0,03% do total das empresas e 81,40% das respostas que cumpriram com o exigido, sendo que 18,60% não foram validadas.

### **3.2 – OBJETIVOS E HIPÓTESES DE INVESTIGAÇÃO**

Este estudo tem como principal objetivo analisar a utilidade da informação contabilística para os proprietários/gestores das entidades incluídas na dimensão PME e, em que medida, determinados fatores diferenciadores desses gestores (idade, formação, género, experiência, dimensão das empresas, etc.), influenciam a importância atribuída à informação contabilística pelos gestores e sua utilização como instrumento de gestão. No atual contexto pandémico relacionada com o Covid 19, pretende-se também avaliar se houve impacto na perceção da utilidade da informação contabilística pelos diversos decisores.

As hipóteses gerais de investigação são:

H1 - Há diferenças de opinião em função do género;

H2 - Há diferenças de opinião em função da dimensão das empresas (volume de negócios);

H3 - Diferenças em função das habilitações

H3.1 - Há diferenças de opinião entre pessoas com diferentes níveis de formação, principalmente entre as pessoas que têm formação pós-graduada e os restantes;

H3.2 - Os inquiridos com formação pós-graduada apresentam um perfil de decisão apoiada nas consultas, conselhos e fatores económicos. Os inquiridos com menos formação optam pela intuição e fatores políticos e sociais para fundamentar as suas decisões;

H4 - Há diferenças de opinião entre pessoas em empresas que essencialmente detêm sistemas de contabilidade interna e externa.

H5 - Há diferenças entre os executivos os não executivos nos fatores associados à tomada de decisão

H6 – Há diferenças em função do exercício de funções contabilísticas

H7 - Há diferenças em função do escalão etário nos fatores associados à tomada de decisão.

### 3.3 - MÉTODO DE INVESTIGAÇÃO

Qualquer manual de pesquisa científica informa o conceito de método como sendo um caminho para se chegar a um fim. Assim, numa proposta de investigação é possível usar diferentes ferramentas para analisar o objeto a ser pesquisado. Neste trabalho, especificamente, o caminho utilizado foi o da pesquisa quantitativa, com a aplicação de questionário.

O desenvolvimento desta investigação decorreu ao longo de três fases fundamentais: **Na primeira fase** procura-se fazer um levantamento da literatura teórica e empírica sobre o tema. para compreender qual o momento situacional no qual o objeto investigado se encontra. Entender este momento permite-nos trazer perguntas pertinentes para a investigação e contribuir para uma melhor compreensão de seu campo de conhecimento.

A busca desse tipo de informações em artigos e livros de diferentes autores e em diferentes épocas (além de se poder utilizar ainda de material veiculado nos meios de comunicação) como primeiro passo de investigação respalda-se nas palavras de Laville e Dionne (1999):

*[...] raros são os problemas sobre os quais ninguém se tenha jamais debruçado, raras são as perguntas que ninguém jamais se fez. A natureza humana não é, nesse ponto, diferente de um indivíduo para o outro; em uma mesma civilização, as interrogações e os questionamentos se encontram, mesmo que as perspectivas possam diferir. É raro que a respeito de um assunto de pesquisa não se possa achar em outros qualquer coisa de útil (p. 230).*

Neste trabalho de levantamento de informações bibliográficas muito do material consultado não é aproveitado diretamente na investigação, como produções audiovisuais, mas serviram como enriquecimento para o investigador.

**A segunda fase** do processo de elaboração deste trabalho de investigação é a elaboração do questionário adaptado de estudos Gouveia, H (2014), na terceira e última fase, os dados recolhidos serão submetidos a análise e interpretação estatística, usando

para o efeito o programa informático Statistical Package for the Social Sciences (SPSS 230).

Durante o nosso percurso académico procuramos articular os conhecimentos adquiridos com as experiências vividas no percurso profissional. Uma destas articulações entre teoria e prática é a compreensão das necessidades dos nossos clientes e como as empresas se comportam no quotidiano. Com esta perspetiva surgiu a ideia da realização de um trabalho de campo baseado numa pesquisa quantitativa com uso de questionário.

O objetivo do questionário é estudar a utilidade da informação contabilística, cujos resultados sejam quantificáveis e passíveis de replicação para testar as conclusões. Julgamos que o questionário aplicado e sua estrutura são capazes de nos conduzir a conclusões seguras e confiáveis.

Como bem descreve Richardson (1999: 70) no seu trabalho, “o método quantitativo, como o próprio nome indica, caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas”. Logo, todos os estudos que são realizados com este método podem aplicar as técnicas estatísticas como, por exemplo, as médias, o desvio-padrão, a moda, a correlação, a regressão e diversos outros tipos de ferramentas.

Por este motivo existem duas características básicas dos métodos de pesquisa quantitativa que foram fundamentais para a sua escolha na presente investigação: a procura por resultados que sejam quantificáveis e a utilização de medidas que são confiáveis (com o uso da estatística). Ao mesmo tempo tem-se a consciência de que não há uma preocupação com a qualificação dos dados brutos obtidos. Estes dados serviram de âncora para a realização de uma análise ou uma leitura com o objetivo de explicar o perfil das PME.

Assim, em termos científicos, optou-se ao mesmo tempo por um método que fosse explicativo, pois o interesse desta investigação foi o de determinar quais são os fatores ou as causas que criam ou influenciam a manifestação de comportamentos decisórios nas empresas.

Em termos mais teóricos Saunders, Lewis e Thornhill (2000) refém que, como o próprio nome indica, os Estudos Explicativos procuram explicar, esclarecer o fenómeno em estudo. Estes métodos tentam compreender as diversas relações causas/consequências existentes; como dois fenómenos conseguem estar relacionados e até que ponto vai esta relação entre eles. É importante reforçar que os Estudos Explicativos não estão dependentes de um único método de investigação, ou seja, os métodos podem ser

qualitativos ou quantitativos. Entretanto, para obter resultados úteis dependem sempre de um bom planeamento quando se cria o projeto de investigação.

### **3.4 - A ANÁLISE QUANTITATIVA DE DADOS**

Ao longo de uma pesquisa quantitativa como a que foi realizada na presente investigação aparece o questionamento sobre quais são as reais contribuições feitas pelos diferentes mecanismos estatísticos utilizados e, também, quais tipos de ações seriam necessários para fazer para aumentar a confiança de que aqueles números que foram apurados na pesquisa são realmente capazes de dar uma resposta satisfatória às dúvidas que se tem ao início do trabalho.

Na literatura deparamo-nos com a interrogação de muitos investigadores que acreditam que os dados quantitativos, oriundos da utilização de diferentes métodos estatísticos explicam parcialmente ou não conseguem explicar de facto as relações envolvidas entre as variáveis do estudo.

Por este motivo destacamos o trabalho de Olsen e Morgan (2005), que apresenta as seguintes questões sobre como podemos interpretar o que fazemos com as estatísticas de análise? E, como podemos incorporá-las em pesquisa?

Justifica-se o levantamento de tais perguntas em virtude da discordância de crença que existe entre os diferentes investigadores, em função de suas práticas de pesquisa e formação académica. Olsen e Morgan, no seu trabalho, procuram, ao fazer este tipo de indagação, minimizar as diferenças existentes entre as diferentes correntes de investigação. Eles também pretendem demonstrar que, seja qual for o método a ser utilizado e as técnicas de pesquisa a serem aplicadas, a compreensão do objeto da investigação de estudo possui o seu valor, sendo que esta escolha do caminho a seguir se configura na metodologia adotada. Esta não pode ser descartada ou refutada a priori. Desse modo, “metodologias geralmente têm embutidas nelas suposições sobre a natureza da realidade e axiomas subjacentes ou implícitas sobre o comportamento humano” (Olsen e Morgan, 2005: 4).

Simões (1990) consultado na presente investigação também avalia que nas investigações em geral, muitas vezes os investigadores fazem uma distorção no foco das pesquisas. Estas distorções acontecem quando os investigadores acreditam que com o uso de diferentes técnicas estatísticas chegar-se-á a resultados que permitem testar e

comprovar a veracidade e confiabilidade das teorias que estão a utilizar. Ou seja, adequam a estatística ao resultado proposto/esperado no início da investigação, em lugar de interpretar o resultado realmente obtido.

Assim sendo, todo o cuidado deve ser tomado com os questionários a serem feitos, pois os elementos base de uma teoria quando aplicados a determinados ensaios estatísticos podem conduzir os pesquisadores a conclusões distorcidas da realidade. A própria linguagem pode ser uma fonte de distorções, como, por exemplo, a tradução de investigações em português para uma língua como o inglês ou alemão.

Assim, e como foi o caso desta investigação, é essencial que os pesquisadores saibam distinguir perfeitamente entre as diferentes possibilidades de se obter resultados corretos; qual é aquela opção (ou opções) que melhor se adequa ao objeto de estudo, de modo que sejam apreendidas todas as possibilidades de explicações causais de um arcabouço teórico na prática.

### **3.5- INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS**

Como já foi referido anteriormente, o método de recolha de dado escolhido foi o questionário. O questionário foi elaborado em uma plataforma eletrónica (Google Forms). Tendo sido remetido as empresas por correio eletrónico e indicando qual é o link, para que o questionário possa ser respondido.

Quando a investigação envolve um tema que exige muito aprofundamento e o levantamento de dados sensíveis, como o perfil de saúde ou socioeconómico, o ideal é que o primeiro passo da investigação seja a elaboração de um pré-teste. Este pré-teste tem como objetivo a avaliação das perguntas contidas no questionário, ou seja, visa garantir a qualidade do instrumento de pesquisa adequando as perguntas à realidade investigada; ele averigua se a pessoa que vai responder as perguntas consegue compreender o que está a ser perguntado.

A função central, praticamente quase exclusiva, da realização de um pré-teste é a de verificar se o questionário elaborado para a investigação apresenta, sem necessidade de correções, “fidedignidade – qualquer pessoa que o aplique obterá sempre os mesmos resultados – validade – os dados recolhidos são necessários à pesquisa – operatividade – vocabulário acessível e significado claro” (Marconi e Lakatos, 2010: 186).

O uso de tais instrumentos deve ser validado antes de seu uso generalizado. Nesse sentido, foram enviados cerca de dez convites para o preenchimento do questionário em

uma versão preliminar a empresas pré-selecionada, para identificar problemas nas perguntas que justifiquem mudanças na redação ou no formato. O pré-teste verifica a clareza e a compreensibilidade das questões, viabilizando o envio do questionário na versão final.

Para garantir uma maior adesão de respondentes foi dada a possibilidade de responderem anonimamente ou apenas colocar a tipologia da empresa (unipessoal, responsabilidade limitada etc.) e apenas foram contactadas empresas que se enquadravam no perfil de PME.

### **3.5.1 – ESTRUTURA E CONTEÚDO**

O questionário pensado para responder ao objetivo da presente investigação é composto por 31 perguntas.

O cruzamento dos dados ajudou a compreender como as PME portuguesas usam as informações contabilísticas e a dar respostas a duas outras perguntas secundárias, ou seja: As PME consideram que o serviço de contabilidade é um apoio importante nas decisões da empresa? E, em seguida, a formação do gestor facilita a compreensão da importância das informações financeiras para o seu negócio?

As questões foram construídas tendo em conta o pressuposto do trabalho. De forma a dar suporte ao objetivo do estudo e dar resposta às hipóteses previamente definidas, o questionário é composto por 3 grupos e encontra-se estruturado da seguinte forma:

- O primeiro grupo pretende caracterizar a empresa. Este grupo inicia-se na questão 1 e termina na 6, sendo composto por questões cujas respostas são dadas através da escolha de uma das diversas opções existentes, com o objetivo de se conhecer a empresa no que se refere a volume de negócios, n.º médio de empregados, setor de atividade (principal), se a empresa tem serviços administrativos internos, se existe algum/a administrativo/a ou departamento administrativo que auxilie e forneça toda a documentação para o serviço de contabilidade, bem como se o serviço de contabilidade está centralizado.

- O segundo grupo, questões 7 à questão 14, pretende caracterizar o perfil do gerente/administrador. É composto por questões cujas respostas são dadas através da escolha de uma das diversas opções existentes, com o objetivo de se conhecer os gerentes

no que toca a género, idade, habilitações académicas, existência de formação na área da contabilidade / economia / finanças, grau de importância de alguns fatores ligados à tomada de decisão, função desempenhada e experiência profissional.

- O terceiro grupo, utilidade da informação contabilística e financeira, contempla as questões 15 até à 31. Pretende-se neste grupo entender questões como a importância da informação económica e financeira para a tomada decisão, a importância da Contabilidade para o sucesso ou a importância da informação contabilística no contexto da pandemia COVID 19?

Também neste grupo as questões são fechadas e são dadas hipóteses de resposta como “sim”, “não”, “não sei”, ou em termos temporais, por exemplo “Mensalmente”, “Trimestralmente”, “Semestralmente”, “Anualmente”, “Nunca”.

### **3.6 TRATAMENTOS DE DADOS**

Como foi referido anteriormente, o teste de alfa de Cronbach, Pestana e Gageiro (2005), apresenta uma boa consistência interna. Foi também aplicado o teste de Kolmogorov-Smirnov ( $n > 50$ ) para averiguar a normalidade da amostra, concluindo-se que a mesma não segue uma distribuição normal.

A fim de testar as suposições sobre a população, conjeturadas nos objetivos do estudo e nas hipóteses, foram utilizadas estatísticas descritivas e testes não paramétricos. Para testar a independência das variáveis nominais utilizou-se o teste qui-quadrado. Também se recorreu à Medida Kaiser-Meyer-Olkin de adequação de amostragem e Teste de esfericidade de Bartlett. Para testar as diferenças de médias utilizou-se o teste t (2 grupos) ou a Anova (mais de dois grupos). Quando utilizada a ANOVA e para determinar os grupos específicos que apresentam diferenças significativas, usou-se o teste de Scheffé.

Os dados recolhidos foram primariamente tratados através do Microsoft Excel, analisando-se as respostas de cada indivíduo. Para a construção dos dados estatísticos, em função dos objetivos e hipóteses da investigação, utilizou-se o IBM SPSS Statistics versão 20.

## CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

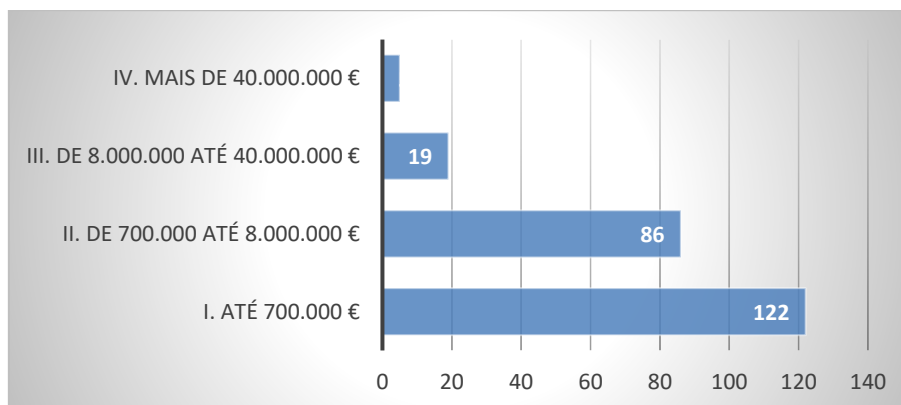
Neste capítulo, far-se-á uma resumida caracterização da amostra e os resultados pertinentes.

### 4.1 – CARACTERIZAÇÃO DAS EMPRESAS

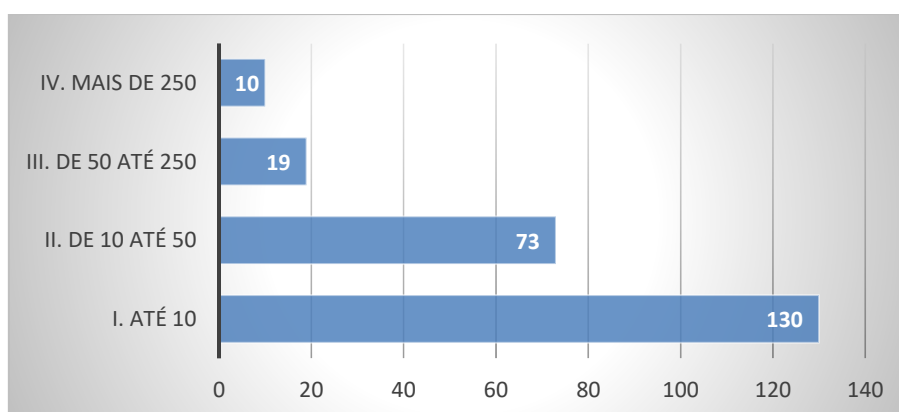
O questionário apresentado em anexo foi aplicado a mais de 9.874 empresas, sendo que responderam somente 285 e de estas apenas 232 respostas completas que serão usadas para a análise. Assim, temos as seguintes observações a fazer a respeito das respostas fornecidas pelos respondentes.

volume de negócios (Gráfico 4.1) e empregados (Gráfico 4.2).

**Gráfico 4.1 – N.º de respostas de acordo com o volume de negócios**



**Gráfico 4.2 – N.º de resposta com o médio de empregados**



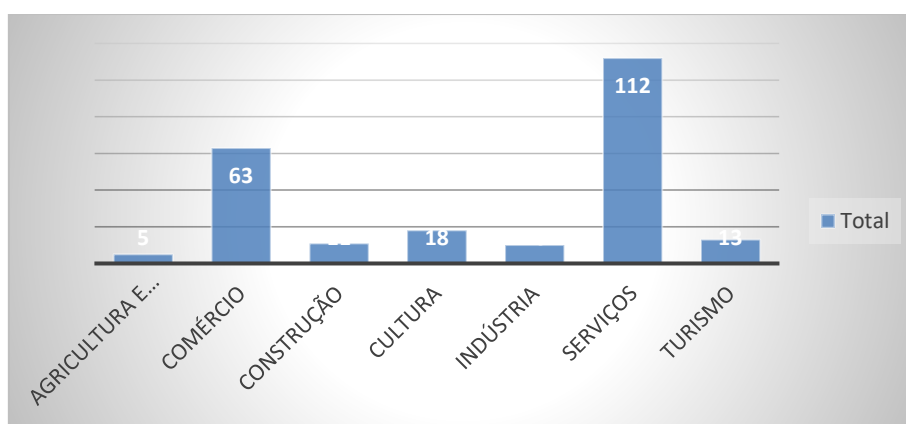
Cruzando os dados anteriores, volume de negócios, número de empregados, pode presumir-se que maiorias são microempresas.

Para aferir o setor de atividade, foi solicitado aos questionários que referissem à Classificação Portuguesa das Atividades Económicas (CAE) principal da organização (questão 4.c).

Das atividades incluídas na mostra podem salientar-se como as mais representativas as seguintes:

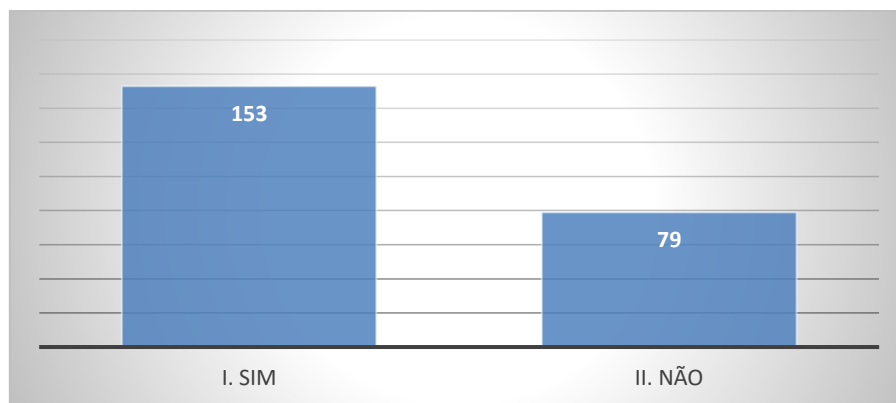
Terceiro setor na área dos serviços (48,27%), seguindo-se o comércio e a cultura, (34,91%) e em número menor estão as empresas ligadas à agricultura e a pesca (2,15%), (gráfico 4.3).

**Gráfico 4.3 – Setor de atividade**



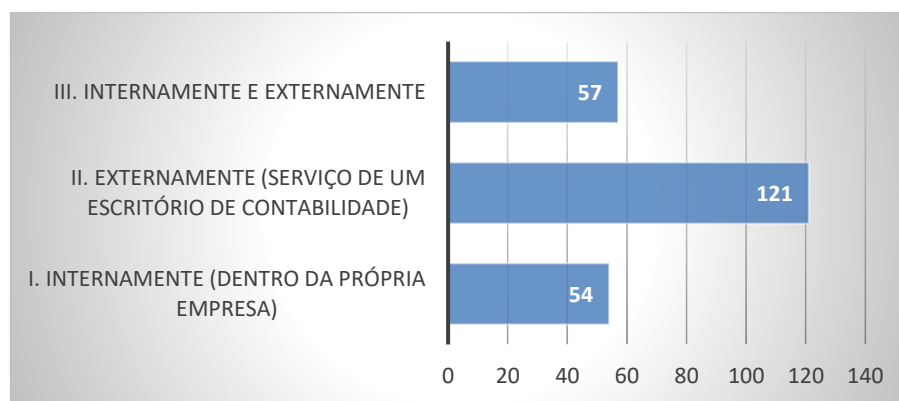
Dois terços das empresas respondentes têm serviços administrativos internos (questão 5.d), sendo que apenas 34% delas não auxiliam a coleta de dados pelo serviço de contabilidade (Gráfico 4.4).

**Gráfico 4.4 - A empresa tem serviços administrativos internos**



Relativamente ao serviço de contabilidade (questão 7.f), o gráfico 4.5 mostra que 52% fazem uso exclusivamente de escritórios de contabilidade externamente, acrescentando-se a este número outros 23,5% que além do tratamento interno da informação contabilística ainda recorrem a pessoal externo.

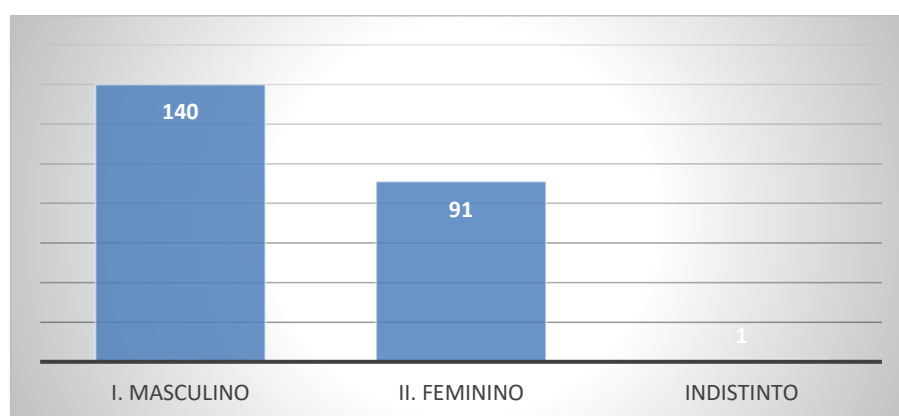
**Gráfico 4.5 – O serviço de contabilidade está centralizado**



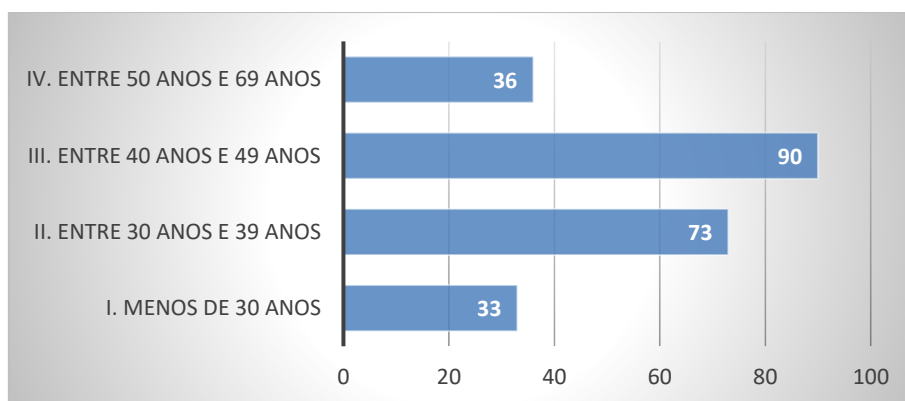
## 4.2 – CARACTERIZAÇÃO DOS RESPONDENTES

A grande maioria dos gestores de PME portuguesas está na faixa etária acima dos 30 anos e 59,9% do total são do sexo masculino (Gráfico 4.6). Sendo que 17,1% têm mais de 50 anos de idade (Gráfico 4.7).

**Gráfico 4.6 – Género dos gestores**



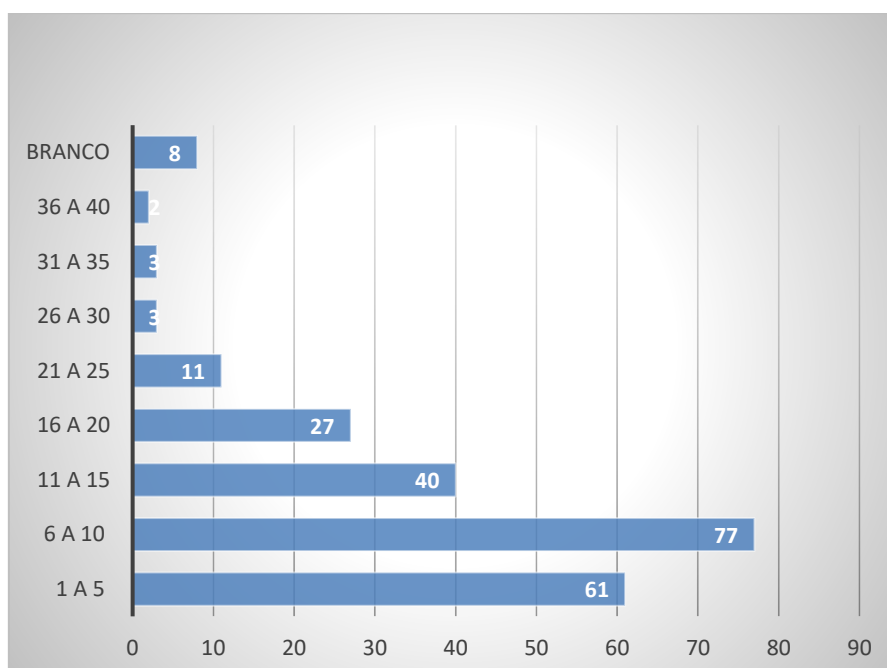
**Gráfico 4.7 - Idade**



Num primeiro momento a idade poderia significar experiência profissional para gerir uma empresa ou uma reformulação da carreira. Pode ser que uma parte destas pessoas já teve outra experiência como empreendedores, que não poderá estar relacionada com facto de os respondentes não possuírem formação na área de contabilidade e gestão. Na verdade, o gráfico 4.9 mostra que 62% dos inquiridos não tem formação na área.

Quanto à (questão 9.b), relativa ao número de anos de experiência profissional, a pergunta foi elaborada com o objetivo de trazer pistas sobre os anos de sobrevivência de uma PME e se o facto de usar informações fornecidas pela contabilidade ajudam a manter a longevidade da empresa. Como se tratou de uma questão aberta, obteve-se um volume muito grande de variáveis, agrupas as respostas em diversos escalões com amplitudes de 5 anos de experiência profissional (Gráfico 4.8).

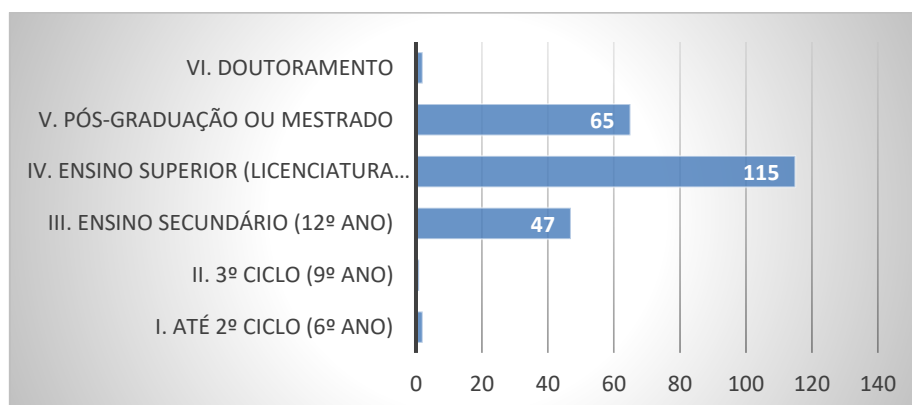
**Gráfico 4.8 – Anos de experiência profissional**



Verificou-se que a maioria tem entre 6 a 10 anos de experiência (33%) ou entre 11 a 15 anos (17%).

Verificou-se (gráfico 4.9) que 62% disse ter formação na área. Acrescenta-se o facto de que mais de 28% têm estudos pós-universitários, somando-se ainda os 49,6% que têm formação superior.

**Gráfico 4.9 – Habilitações académicas**



De uma forma geral, os dados analisados mostram que mais de metade possui formação superior e o 36% tem 10 ou mais de experiência. De acordo com Pires (2020) existe uma relação positiva e significativa entre escolaridade e utilização informação em geral, pelo que segundo este autor podemos assumir que a maioria das PME utiliza a informação contabilista para as suas tomadas de decisão.

Relativamente à função que desempenham na empresa (Questão 19.f), a maioria tem função de administração /chefia (62%), contabilista (9,5%) e assistente administrativo (6,5%) (Quadro 4.1).

**Quadro 4.1 – Função que desempenha na empresa**

<b>Administrador/sócio gerente/CEO</b>	<b>144</b>
<b>Assistente administrativo</b>	<b>15</b>
<b>Auxiliar</b>	<b>11</b>
<b>Informática</b>	<b>7</b>
<b>Empregado</b>	<b>14</b>
<b>Vendas</b>	<b>2</b>
<b>Treinador</b>	<b>1</b>

<b>Contabilista</b>	<b>22</b>
<b>Analista</b>	<b>4</b>
<b>Coordenador de projetos</b>	<b>1</b>
<b>Comercial/compras/vendas</b>	<b>6</b>
<b>Fotografia</b>	<b>1</b>
<b>Farmacêutico</b>	<b>1</b>
<b>Caixa</b>	<b>1</b>
<b>Artista</b>	<b>1</b>
<b>Consultor imobiliário</b>	<b>1</b>

De uma forma geral, pode-se caracterizar os traços dominantes da mostra, é constituída maioritariamente por empresas de menor dimensão (faturação inferior a 700 mil euros, até dez empregados, do setor dos serviços, maioritariamente com serviços administrativos internos, mas com a execução da contabilidade adquirida em sistema de prestação de serviços.

Os inquiridos são maioritariamente do género masculino, idades entre 30 e 49 anos, com mais de seis anos de experiência, com formação superior (licenciatura ou superior) exercendo cargos de administração ou como proprietário (sócio da empresa).

O perfil das empresas e inquiridos indica uma amostra de pequenas empresas, mas com um quadro de gestores de habilitações superiores o que sugere respostas informadas às questões colocadas no instrumento de recolha de dados.

#### **4.3 - CARACTERIZAÇÃO DA UTILIDADE DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA E FINANCEIRA**

No nosso estudo, permite-me presumir que a informação económica e financeira é utilizada como ferramenta do apoio à decisão questões (20 a 32 do questionário anexo). As quantificações de cada item variaram na escala de um a cinco, sendo que um era o menos importante e o cinco era o mais importante. e as questões (33 a 44 do questionário anexo), verificar as fontes de informação que os gestores de decisão buscam para realizar as suas ações, quais são os seus influenciadores e se os reportes recebidos pela contabilidade são efetivamente importantes.

84,9% dos entrevistados revelaram fazer uso da ferramenta na informação da contabilidade, respondendo que elas são relevantes ou muito relevantes. É interessante notar que nesta pergunta apenas 1,3% dos entrevistados considerou nada relevante.

Da mesma forma consideraram importantes as informações dos meios de comunicação: 65,5%; a formação pessoal e acadêmica: 83,6%; o conselho de outros profissionais: 79,7%, e a experiência profissional: 92,7%. Neste último caso há um contrassenso em relação à pergunta sobre a intuição para o processo decisório: apenas 40,5% a consideraram relevante ou muito relevante. (Quadro 4.2).

**Quadro 4.2 – Importância de algumas ferramentas na tomada de decisão**

<b>Grau de Importância:</b>	<b>Pouco importante (1)</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>Muito importante (5)</b>
<b>Experiência profissional</b>	1	1	15	82	<b>133</b>
<b>Formação profissional</b>	2	2	34	<b>101</b>	93
<b>Conselho de pessoas próximas</b>	37	36	<b>82</b>	54	23
<b>Intuição</b>	43	31	<b>64</b>	55	39
<b>Informação de meios de comunicação (1 resposta em branco)</b>	6	24	49	<b>93</b>	59
<b>Informação da contabilidade</b>	3	0	32	76	<b>121</b>
<b>Conselhos de outros profissionais</b>	2	2	43	<b>106</b>	79

O que é menos importante na tomada de decisão por parte dos gestores inquiridos é o aconselhamento com pessoas próximas, como amigos e familiares. Nesta pergunta as respostas relevantes ou muito relevantes totalizaram 34,8%.

Segundo Bezerra (2012), os gestores percebem a importância da informação contabilística no processo da tomada de decisão. Seguindo a linha de pensamento deste autor e tendo em conta o resultado da análise suprarreferida, podemos assumir que os gestores da nossa amostra percebem a utilidade da informação, já que mais da metade indica que é importante a informação contabilística.

No grupo 3 a utilidade da informação contabilística e financeira existem questões, relativa aos fatores que ao longo do ano fiscal, sobre a situação financeira da empresa e podem apontar quais decisões podem/devem ser tomadas para o futuro da empresa. Assim, perguntou-se diretamente para os respondentes qual é a relevância deste tipo de informação.

Foi possível notar que, apesar de alguma preocupação em demonstrar atenção aos fenómenos externos ao quotidiano empresarial, no contexto financeiro imediato da empresa: tesouraria corrente, resultados e nível de endividamento sobrepõem-se a quaisquer outros fatores, sendo que o resultado é o mais importante, com 59,9% das respostas (Quadro 4.3).

Quanto aos fatores externos os respondentes consideraram mais importantes aqueles relacionados diretamente à economia, 49,6%. Sendo que as questões políticas, sociais ou ambientais não têm grande relevância. Estas questões receberam respetivamente 16,4%; 24,1% e 22% das considerações muito relevantes (Quadro 4.3).

**Quadro 4.3 - Influência de fatores na tomada de decisão na empresa**

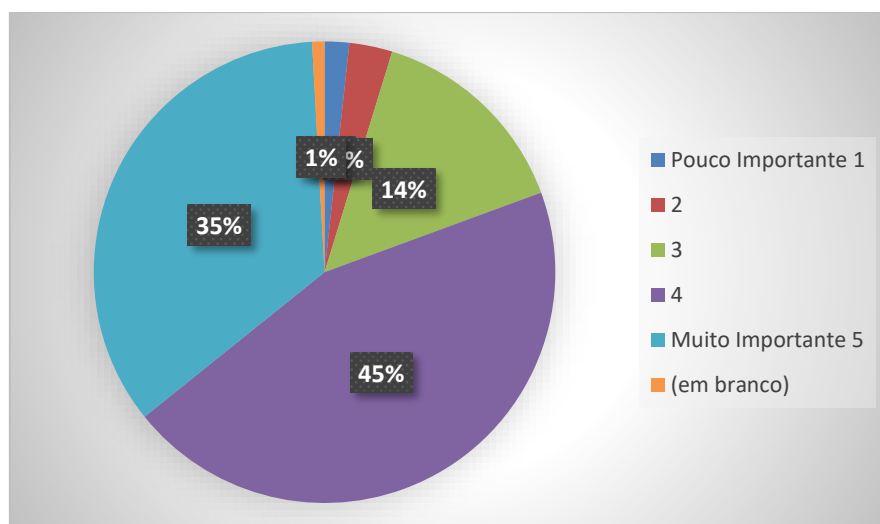
<b>Fatores</b>	<b>Pouco importante (1)</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>Muito importante (5)</b>
<b>Económicos</b>	1	0	19	97	<b>115</b>
<b>Políticos</b>	19	13	59	<b>103</b>	38
<b>Sociais (1 em branco)</b>	5	8	57	<b>105</b>	56
<b>Ambientais (1 em branco)</b>	6	23	<b>83</b>	68	51
<b>Resultados da empresa</b>	2	1	20	70	<b>139</b>
<b>Tesouraria corrente</b>	2	4	21	81	<b>124</b>
<b>Nível de endividamento (1 em branco)</b>	7	15	35	81	<b>93</b>

As (questões 28.a e 29.b) do terceiro bloco do questionário mostra a discrepância existente sobre a perceção do serviço de contabilidade. Os respondentes consideraram que a informação financeira é importante ou muito importante para a tomada de decisão, 91,4% das respostas.

Depois, na (questão 30.c), sobre o impacto da pandemia de Covid-19 verificou-se que a maioria das respostas a apontar para a importância da informação contabilística durante o processo (Gráfico 4.10). Como é um evento ainda no calor dos acontecimentos é possível que este entendimento se possa alterar. Uma pista neste sentido é o facto de apenas um terço dos respondentes terem considerado a informação contabilística muito importante no contexto da pandemia, este resultado contraria o resultado anterior dos gestores que a informação contabilística é muito importante, este resultado permitem

presumir que os gestores não estavam claros com o que estava acontecendo nesse momento da pandemia de Covid-19.

**Gráfico 4.10 – A importância da informação contábilística no contexto da pandemia COVID 19**



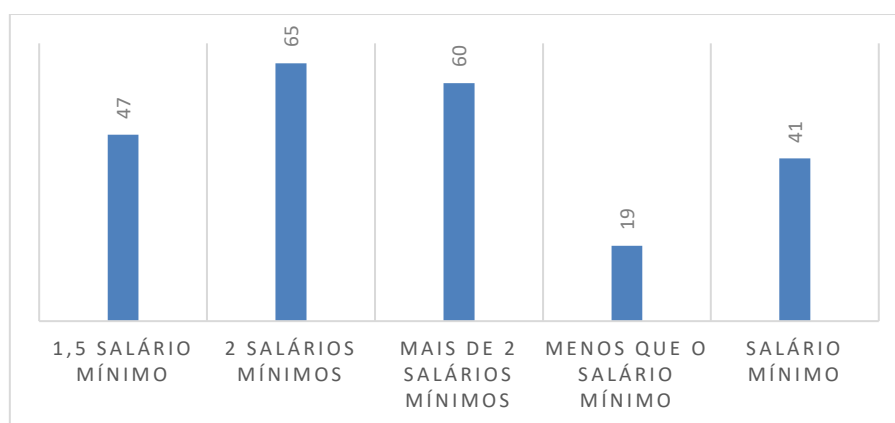
A (questão 31.d) sobre se a contabilidade é um custo para empresa é a pergunta que demonstra ambivalência por parte dos respondentes. Nesta questão 09,9% consideram-na simplesmente como uma despesa, mas apenas 26,3% a encaram como uma mais-valia plena, ou seja, fundamental para o bom funcionamento da empresa, respondendo que é uma atividade muito relevante. No ponto médio da questão 39,2% a vêem como despesa e 18,5% como mais-valia (Quadro 4.4).

**Quadro 4.4 – A contabilidade é um custo para empresa**

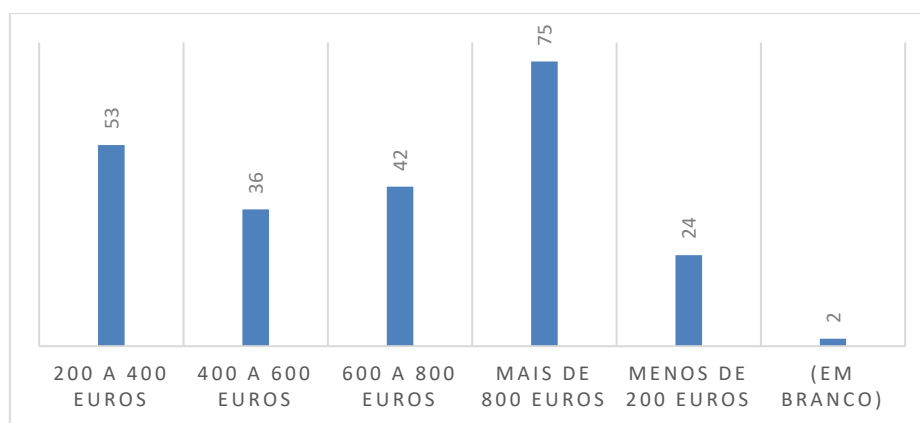
A contabilidade é:	Pouco importante (1)	2	3	4	Muito importante (5)
Um custo para a empresa (1 em branco)	22	32	91	63	23
Uma mais valia para a empresa	18	8	43	102	61

Uma distribuição diferente acontece com relação à quantificação do trabalho do contabilista. Tanto um contabilista interno quanto um contabilista externo seriam bem remunerados em relação as opções dadas aos respondentes (Gráfico 4.11 e 4.12).

**Gráfico 4.11 - Valor mensal que atribuíam ao trabalho do contabilista (interno)**



**Gráfico 4.12 - Valor mensal que atribuíam ao trabalho do contabilista (externo)**



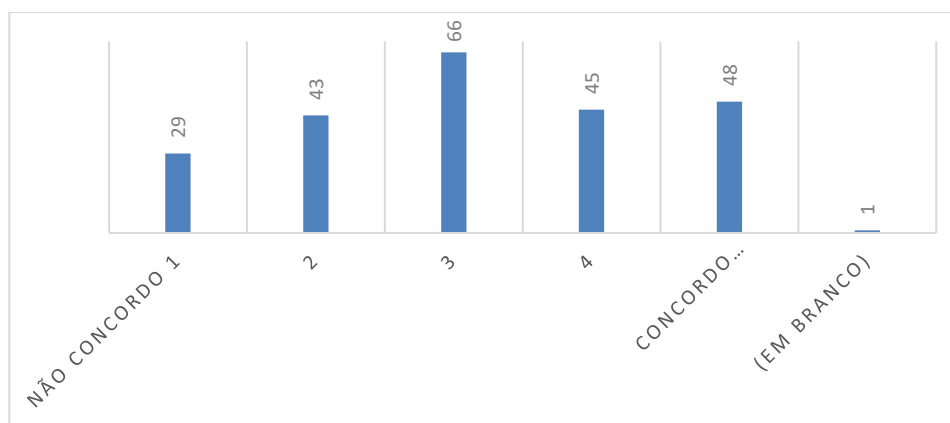
Uma relação entre a importância atribuída pela empresa ao trabalho desempenhado pelos contabilistas e a valorização que as mesmas dão ao seu trabalho está indicado no (Gráfico 4.11 e 4.12).

O facto de o contabilista ser interno ou externo pode determinar uma variação do grau de remuneração imaginado pelo respondente, uma vez que sendo funcionário da empresa seu salário é acrescido de outros ganhos diretos e indiretos, como o pagamento à segurança social, subsídios, férias e alguns outros.

De todo o modo o carácter remuneratório também determina a importância dada ao trabalho desempenhado pela função na evolução da empresa.

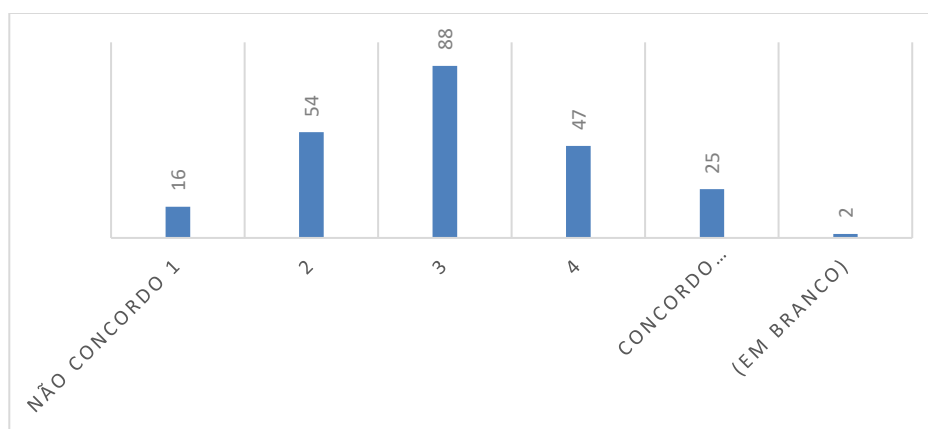
Facto que é contraditório com a (questão 35. h), na qual quase dois terços dos respondentes acreditam que o contabilista não conhece a realidade da empresa (Gráfico 4.13).

**Gráfico 4.13 – Conhecimento da realidade da empresa pelo contabilista**



Quanto à (Questão 36.i) sobre a linguagem e a forma como são apresentadas a informação da Contabilidade a maioria concorda que é difícil de entender essa informação (Gráfico 4.14).

**Gráfico 4.14 - A linguagem e a forma como são apresentadas a informação da Contabilidade**

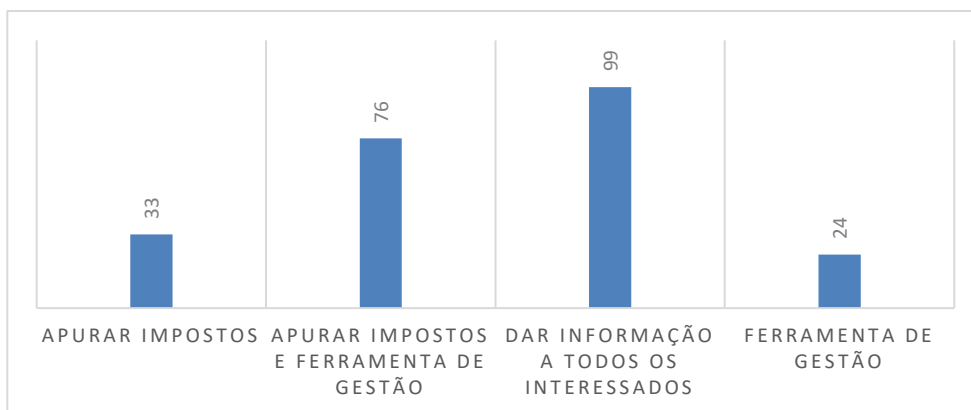


De forma equilibrada está o entendimento das informações da contabilidade, leitura dos mapas está dentro o razoável com 37,9% de respostas e o difícil com o total de apenas 10,8% das respostas (Gráfico 4.14).

Entretanto a (questão 39. 1). sobre para que serve a Contabilidade revela que apenas 10,3% dos entrevistados consideram a contabilidade como ferramenta de gestão. No fundo quase a totalidade vê a contabilidade como uma atividade de apurar impostos. 14,2% consideram a contabilidade como uma atividade exclusiva de apuração de impostos e 32,8% vêm-na com ambas as finalidades. Os demais 42,7% consideram que

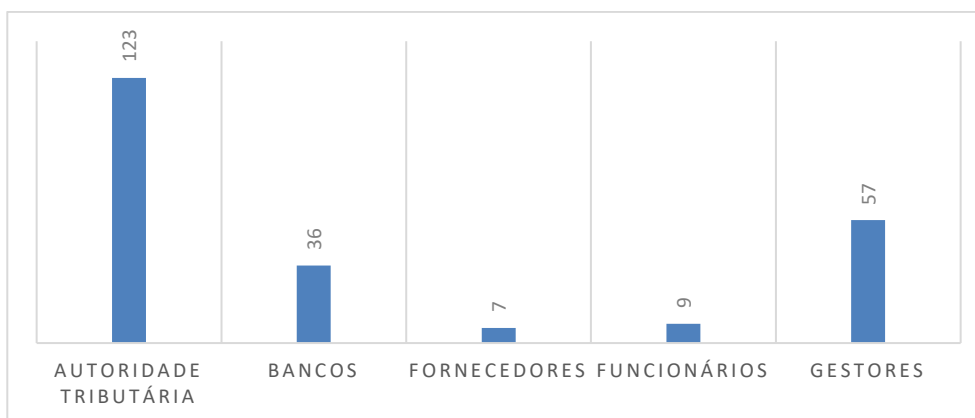
ela serve para informar a todos os interessados e, assim, também é para apurara impostos (Gráfico 4.15).

**Gráfico 4.15 – Para que serve a Contabilidade**



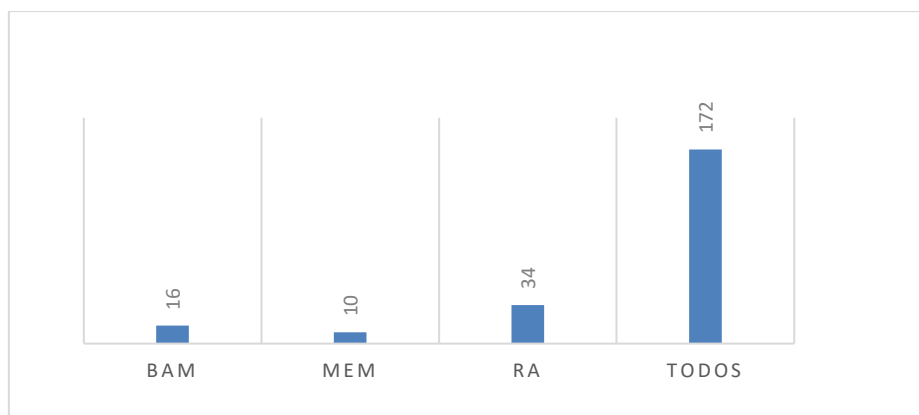
A (questão 37. j). Esse facto já está claro quando na pergunta anterior 53% das respostas apontaram a Autoridade Tributária como a principal interessada nas informações dadas pela contabilidade (Gráfico 4.16).

**Gráfico 4.16 – Quem tem mais interesse na informação contabilística**



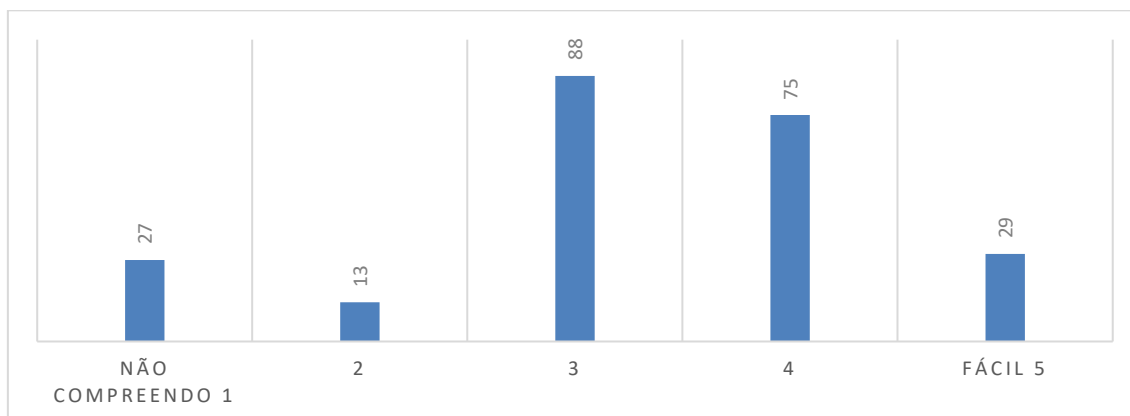
Depois na (Questão 42. o), há que ressaltar que 74,1% dos entrevistados responderam que todos os mapas da contabilidade são importantes, com maior destaque para o Reporte Anual que recebeu sozinho 14,7% das respostas (Gráfico 4.17).

**Gráfico 4.17 – Importância do Mapa de Exploração Mensal, do Balancete Analítico Mensal e do Reporte Anual**



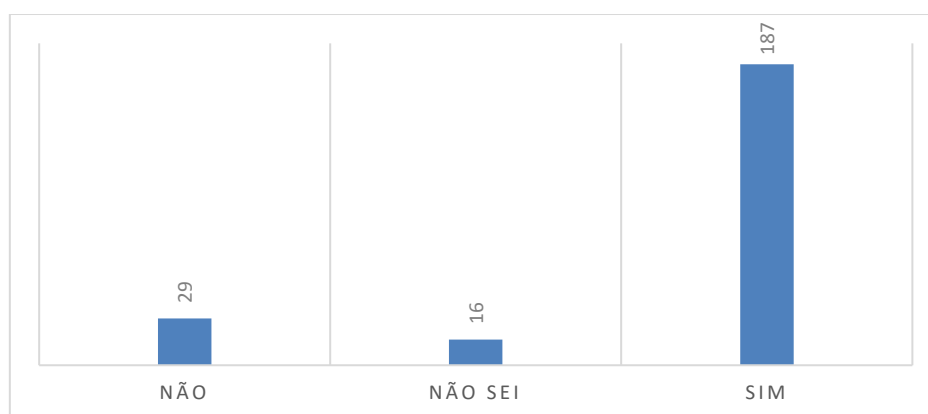
A dificuldade de compreensão das informações contidas nesses reportes na (Questão 43. p), são medianas conforme é possível observar no gráfico abaixo. Um terço considerou uma dificuldade média e outro terço dos entrevistados de médio para difícil, restando ainda 5,6% que considerou de médio para fácil (Gráfico 4.18).

**Gráfico 4.18 – Leitura e compreensão do Mapa de Exploração Mensal, do Balancete Analítico Mensal e do Reporte Anual**



Os dados na última pergunta do questionário na qual 80,6% dos entrevistados respondeu que optaria pelo serviço de contabilidade se fosse uma opção. Entretanto, se não fosse possível, 12,5% dos respondentes não usaria os serviços de um contabilista. Ainda se somam a estes os 6,9% das respostas que têm dúvidas se é um serviço necessário para a empresa (Gráfico 4.19).

**Gráfico 4.19 – Na suposição da Contabilidade ser uma opção do gestor, optava?**



Esta última pergunta pode revelar que, apesar da importância para a gestão da empresa a contabilidade é vista como um peso nas contas da empresa.

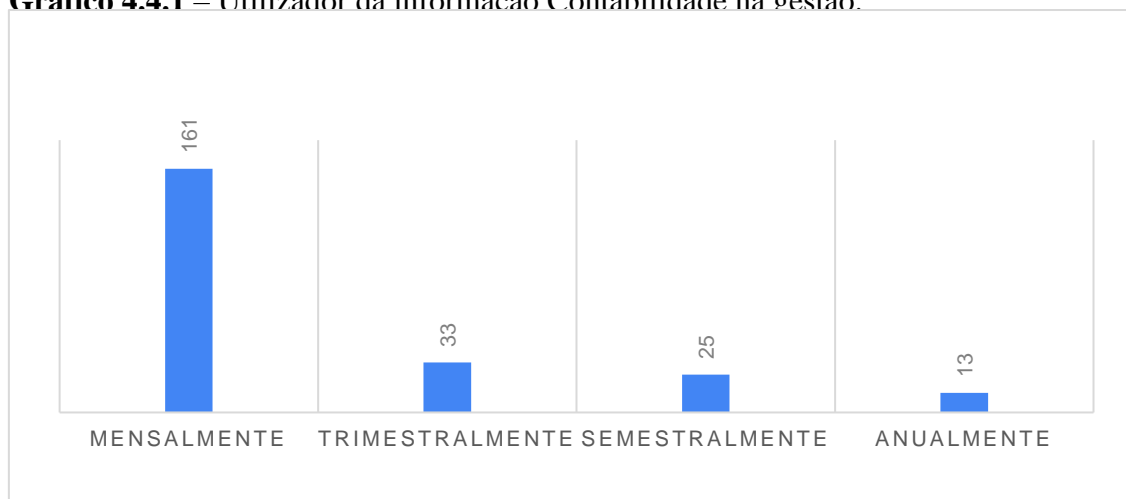
#### **4.4. UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA**

Neste ponto, pretende-se responder ao objetivo da utilidade da informação contabilística, apurar se, as informações contabilísticas, são um recurso para a maioria das empresas e que fatores influenciar seu uso.

Da análise dos dados, verifica-se que dos 285 PME que responderam ao questionário, existem 232 (81%) que utilizam informações contabilísticas, com frequência mensal (69%), trimestralmente (14%), semestralmente (11%). O resto usa pelo menos uma vez anual.

O gráfico a seguir mostra a distribuição das empresas que utilizam as informações contabilidade.

**Gráfico 4.4.1** – Utilizador da informação Contabilidade na gestão.



#### 4.5 - INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA COMO FATOR DE DECISÃO

Com base nas respostas ao questionário realizou-se uma análise fatorial no sentido de determinar, de uma forma agregada, quais os fatores que influenciam a tomada de decisão dos utilizadores da informação financeira. Identificaram-se dois grupos de fatores, obtidos pelo método de extração análise de componente principal e o método de rotação Varimax com normalização de Kaiser (validados pelas estatísticas KMO e Bartlett)

**Quadro 4.5.1** – Perfis de utilizador da informação contabilística (fonte objetiva v subjetiva)

**KMO = 0,655**; Teste de esfericidade de Bartlett com  $p=0,000$ ; Variância total explicada = 60,745 %

	Componente		Denominação
	1	2	
Decisão_Concelhos	,787		Base consulta/Conselhos
Decisão_Contabilidade	,771	-,124	
Decisão_Cons_outros	,646		
Decisão_Exp_profi	,626		
Decisão_Formac	-,164	,877	Base formação/intuição
Decisão_Intuição	-,138	,874	
Decisão_Meios_comuc	,315	,716	

Com base no subgrupo de questões associadas à fonte de informação utilizada para a tomada de decisão obteve-se dois perfis diferenciados tendo em conta que um grupo (fator 1) privilegia mais fontes de informação externas ao indivíduo, informação contabilística, concelhos de pessoas mais experientes e o conhecimento resultante das

experiências, enquanto um segundo grupo (fator 2) privilegia a intuição, os meios de comunicação, fontes potencialmente de natureza mais subjetiva.

**Quadro 4.5.2** – Perfis de utilizador da informação contabilística (fonte objetiva v subjetiva)

**KMO = 0,789**; Teste de esfericidade de Bartlett com  $p=0,000$ ; Variância total explicada = 63,306 %

	Componente		
	1	2	
Decisão_OF_Res_empresa	,849		Base económico e financeiro
Decisão_OF_Tesouraria	,755	,290	
Decisão_OF_Económicos	,746	,159	
Decisão_OF_Endividamento	,670	,227	
Decisão_OF_Ambientais	,102	,829	Base políticas e sociais
Decisão_OF_Sociais	,276	,814	
Decisão_OF_Políticos	,180	,708	

Considerando as motivações da decisão também se obtiveram dois grupos distintos, verificando que um deles (fator 1) é motivado pela resposta a questões de natureza económica e financeira da empresa, enquanto outro grupo é orientado para questões envolventes à empresa, tais como questões de natureza ambiental, política e social.

**Quadro 4.5.3** – Relação entre Perfis de utilizador da informação contabilística  
**Correlações de Pearson**

	Consulta_conselhos	Formação_intuição
Consulta_conselhos	-	,000
Formação_intuição	,000	-
Fat. económicos	,520**	-,103
Fat. politcos_sociais	,261**	,248**

\*\* . A correlação é significativa no nível 0,01 (2 extremidades).

Numa análise prospetiva verifica-se existir relações estatisticamente significativas entre os perfis Consulta-Conselhos e Fatores económicos e mais moderadamente com os fatores política sociais. Quando aos inquiridos com um perfil de decisão baseada mais na

intuição apenas se confirma uma correlação positiva com a decisão apoiada por motivações de caráter político ou social.

#### 4.5.1 O GÊNERO E A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA.

Apresenta-se no quadro seguinte a distribuição das médias dos diversos perfis de decisão considerando o gênero dos inquiridos e constata-se que, em regra, as mulheres apresentam médias superiores nos perfis de Consulta, Intuição e Políticos e Sociais. Os homens, mais por sua vez apresentaram um score superior na decisão motivada por fatores econômicos.

**Quadro 4.5.4** – O gênero e a utilização da informação contabilística.

<b>Estatísticas de grupo</b>					
	<b>Gênero</b>	<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>Erro Desvio</b>	<b>Erro padrão da média</b>
Consulta_conselhos	Homem	139	-,0190282	1,05483124	,08946962
	Mulher	91	,0328089	,92006846	,09644938
Formação_intuição	Homem	139	-,0476191	1,04130372	,08832223
	Mulher	91	,0737974	,94012202	,09855157
Fat. económicos	Homem	137	,0011422	,97400026	,08321446
	Mulher	91	,0005703	1,04847173	,10990970
Fat. políticos_sociais	Homem	137	-,0906612	,96047450	,08205887
	Mulher	91	,1271954	1,04999883	,11006979

Contudo estas diferenças não se apresentam estatisticamente significativas (teste t para amostras independentes,  $p < 0,05$ ).

#### 4.5.2 A DIMENSÃO DAS EMPRESAS E A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA

O quadro seguinte apresenta-se as médias de cada fator associada à dimensão das entidades. Uma análise dessas médias permite evidenciar que são as maiores empresas (volume de negócios superior a 40 milhões) que estão associadas a um perfil de decisão que valorizam a informação, mas suportada e têm mais preocupações de natureza econômica e social.

As empresas de menor dimensão decidem de forma mais intuitiva.

**Quadro 4.5.5** – Dimensão das empresas e a utilização da informação contabilística.

		<b>Descritivos</b>		
	<b>Volume de negócios</b>	<b>N</b>	<b>Média</b>	<b>Erro Desvio</b>
Consulta_conselhos	Até 700.mil	121	-,2266232	,96805599
	700 mil a 8 milhões	86	,2219359	1,01945614
	8 a 40 milhões	19	,2243509	,79637306
	Mais 40 milhões	5	<b>,8144515</b>	,87540198
	Total	231	,0000000	1,00000000
Formação_intuição	Até 700.mil	121	<b>,0458397</b>	,96446615
	700 mil a 8 milhões	86	,0039255	1,08369939
	8 a 40 milhões	19	-,1970294	,90278089
	Mais 40 milhões	5	-,4281278	,70220298
	Total	231	,0000000	1,00000000
Fat. económicos	Até 700.mil	121	-,0969659	,99715213
	700 mil a 8 milhões	84	,0856353	,98399334
	8 a 40 milhões	19	,0958619	1,15406294
	Mais 40 milhões	5	<b>,5436245</b>	,48448933
	Total	229	,0000000	1,00000000
Fat. politcos_sociais	Até 700.mil	121	-,1359152	1,03114829
	700 mil a 8 milhões	84	,1048433	,94439297
	8 a 40 milhões	19	,1966081	,97223796
	Mais 40 milhões	5	<b>,7806704</b>	,77901009
	Total	229	,0000000	1,00000000

Analisada a significância estatística das diferenças acima referidas (teste Anova e Scheffee) apenas se confirma uma diferença significativa ( $p=0,02$ ) para o fator consulta onde se constata a diferenças entre os grupos de, respetivamente maior e menor dimensão. Entre os restantes grupos não se evidencias diferenças significativas.

### 4.5.3 NÍVEIS DE FORMAÇÃO E A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA

O quadro seguinte apresenta as distribuições dos inquiridos tendo em consideração os níveis de habilitação e os perfis de decisão.

**Quadro 4.5.6 – Diferenças em função das habilitações**

		N	Média	Erro Desvio
Consulta_conselhos	Até 9º ano	3	,2434619	1,10059587
	12º ano	47	-,4316351	,95365925
	Ensino superior	114	-,0441590	1,00550768
	Pós licenciatura	67	<b>,3670238</b>	,89875173
	Total	231	,0000000	1,00000000
Formação_intuição	Até 9º ano	3	<b>1,2055492</b>	,67551061
	12º ano	47	-,2677509	1,01549862
	Ensino superior	114	-,0236983	1,00643296
	Pós licenciatura	67	,1741679	,93229913
	Total	231	,0000000	1,00000000
Fat. Económicos	Até 9º ano	3	-,6265089	1,35647268
	12º ano	47	-,3346172	1,10190030
	Ensino superior	113	-,0036049	,95013425
	Pós licenciatura	66	<b>,2729377</b>	<b>,92819685</b>
	Total	229	,0000000	1,00000000
Fat. Politico_sociais	Até 9º ano	3	<b>,9436900</b>	,72820721
	12º ano	47	-,3862664	1,08018077
	Ensino superior	113	-,0480985	,97489388
	Pós licenciatura	66	,3145239	,88008404
	Total	229	,0000000	1,00000000

**Quadro 4.5.7 – Formação intuição e fatores políticos sociais.**

Formação_intuição				Fat. políticos_sociais			
Hab_acad	N	Subconjunto para alfa = 0.05		Hab_acad	N	Subconjunto para alfa = 0.05	
		1	2			1	2
12º ano	47	<b>-,2677509</b>		12º ano	47	<b>-,3862664</b>	
Ensino superior	114	<b>-,0236983</b>		Ensino superior	113	-,0480985	-,0480985
Pós licenciatura	67	,1741679	,1741679	Pós licenciatura	66	,3145239	,3145239
Até 9º ano	3		<b>1,2055492</b>	Até 9º ano	3		<b>,9436900</b>
Sig.		,786	,125	Sig.		,432	,140

O teste da ANOVA confirma a existência de pelo menos um grupo estatisticamente diferente ( $p < 0,05$ ) em cada um dos fatores. O teste Scheffe idêntica o grupo, ou grupos estatisticamente diferentes.

Os resultados sugerem que os indivíduos com maiores habilitações académicas decidem com base informada e privilegiam os fatores económicos e detrimento dos fatores sociais, um perfil de maior racionalidade económica.

Os resultados indicam que os inquiridos com menores habilitações tendem a decidir de forma diferente (médias superiores), numa base intuitiva e valorizar mais os fatores de natureza política e social no seu processo de decisão.

#### 4.6 TIPO DE CONTABILIDADE E A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA.

Enquanto às diferenças em função da contabilidade interna ou externa, verificou-se que há diferenças de opinião entre pessoas em empresas que essencialmente detêm sistemas de contabilidade interna e externa. Apresentam scores mais elevados do que as restantes situações (Quadro 4.6.1).

**Quadro 4.6.1** - Diferenças em função da contabilidade interna ou externa.

		N	Média	Erro Desvio
Consulta_conselhos	Contab interna	54	,1125280	1,27208054
	Contab. externa	120	-,2480707	,91671680
	Contab. interna e externa	57	<b>,4156486</b>	,68551333
	Total	231	,0000000	1,00000000
Formação_intuição	Contab interna	54	-,3372461	1,08456270
	Contab. externa	120	,0159421	,95720232
	Contab. interna e externa	57	<b>,2859340</b>	,92382008
	Total	231	,0000000	1,00000000
Fat. económicos	Contab interna	53	,0965825	1,12888159
	Contab. externa	120	-,2078886	1,00090934
	Contab. interna e externa	56	<b>,3540671</b>	,73627042
	Total	229	,0000000	1,00000000
Fat. politicos_sociais	Contab interna	53	-,0115877	1,13303195
	Contab. externa	120	-,0176788	,91451112
	Contab. interna e externa	56	<b>,0488501</b>	1,05780915
	Total	229	,0000000	1,00000000

O Scheffe esta a indicar que o perfil consulta/conselhos (base de decisão mais informada) utiliza presencialmente e o perfil formação / intuição utilizam a contabilidade interna e externa, apesar da motivação para decisões com preocupações de natureza económica financeira seja maioritariamente suportados nesse tipo de sistema contabilístico (Quadro 4.6.2).

**Quadro 4.6.2 - Diferenças em função da contabilidade interna ou externa.**

**Consulta\_conselhos**

Scheffe<sup>a,b</sup>

Cont_int_ext	N	Subconjunto para alfa = 0.05	
		1	2
Contab. externa	120	<b>-,2480707</b>	
Contab interna	54	,1125280	,1125280
Contab. interna e externa	57		<b>,4156486</b>
Sig.		,097	,191

**Formação\_intuição**

Scheffe<sup>a,b</sup>

Cont_int_ext	N	Subconjunto para alfa = 0.05	
		1	2
Contab interna	54	<b>-,3372461</b>	
Contab. externa	120	,0159421	,0159421
Contab. interna e externa	57		<b>,2859340</b>
Sig.		,114	,280

**Fat. económicos**

Scheffe<sup>a,b</sup>

Cont_int_ext	N	Subconjunto para alfa = 0.05	
		1	2
Contab. externa	120	<b>-,2078886</b>	
Contab interna	53	,0965825	,0965825
Contab. interna e externa	56		<b>,3540671</b>

Sig.		,200	,316
------	--	------	------

As conclusões não óbvias porque as empresas que dispõem dos dois sistemas de contabilidade em simultâneo apresentam os scores mais elevados em todos os fatores pelo que os inquiridos em empresas com exclusivamente contabilidade interna ou externa não apresentam características distintivas.

#### 4.7 FUNÇÕES EXECUTIVAS E A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA

Para a quinta hipótese que estamos a estudar as diferenças em função de exercer funções executivas ou não, se observa que tem diferença e esta na consulta conselhos e fatores económicos no âmbito da resposta sim.

Ao fazer o teste t pela igualdade das médias, nas variâncias iguais não assumidas verifica-se haver diferença significativa ( $p < 0,05$ ), entre os inquiridos com funções executivas e os que não tem em relação a consulta conselhos e fatores económicos.

Também se pode dizer há diferenças entre os executivos e não executivos em relação na tomada de decisão com base na consulta e fatores económicos, isto sugere quem tem funções executivas tomam as decisões com base informadas e racionalidade económica.

##### Quadro 4.7.1 - Diferenças em função de exercer funções executivas ou não.

###### Estatísticas de grupo

	Função_exec	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Consulta_conselhos	Não	117	-,0260115	1,04406879	,09652419
	Sim	114	<b>,0266960</b>	,95653484	,08958770
Formação_intuição	Não	117	,1246706	1,06693614	,09863828
	Sim	114	-,1279514	,91335336	,08554338
Fat. económicos	Não	115	-,1442012	1,04385031	,09733954
	Sim	114	<b>,1454661</b>	,93590775	,08765579
Fat. politicos_sociais	Não	115	,0980573	,96842282	,09030589
	Sim	114	-,0989175	1,02562185	,09605829

H6 – Há diferenças em função do exercício de funções contabilísticas.

## 4.8 EXERCÍCIO DE FUNÇÕES CONTABILÍSTICAS E A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA

Quanto à sexta hipótese, nas diferenças de exercer funções contabilísticas ou não, na tomada de decisão observa-se que (teste t,  $p < 0,05$ ) um perfil semelhante a quem exerce funções executivas onde a informação com base na consulta e os fatores económicos são base da decisão.

**Quadro 4.8.1 - Diferenças em função de exercer funções contabilísticas ou não.**

### Estatísticas de grupo

	Func_contabilidade	N	Média	Erro Desvio	Erro padrão da média
Consulta_conselhos	Não	212	-,0648541	1,01054901	,06940479
	Sim	19	<b>,7236352</b>	,45239133	,10378569
Formação_intuição	Não	212	,0246524	,98005318	,06731033
	Sim	19	-,2750686	1,19645710	,27448608
Fat. económicos	Não	211	-,0410503	1,02075027	,07027135
	Sim	18	<b>,4812011</b>	,52417567	,12354939
Fat. políticos_sociais	Não	211	-,0156784	1,00074927	,06889442
	Sim	18	,1837856	1,00074479	,23587781

## 4.9 ESCALÃO ETÁRIO E A UTILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO CONTABILÍSTICA

Neste ponto estamos a estudar as diferenças em função da idade o qual se observa que são os grupos mais idosos que privilegiam a base da consulta/conselhos e fatores económicos, enquanto jovens, os mais jovens decidem com base na intuição.

Nas estatísticas de ANOVA identifica-se haver diferenças significativas nos perfis de consulta\_conselhos e fatores económicos ( $p < 0,05$ ) o que permite dizer que há diferença estatísticas em pelo menos num destes grupos (Quadro 4.9.1).

**Quadro 4.9.1 - Diferenças em função da idade.**

		N	Média	Erro Desvio
Consulta_conselhos	Menos de 30 anos	33	-,4255340	,77994934
	Entre 30 anos e 39 anos	73	-,0713993	,91527285
	Entre 40 anos e 49 anos	90	,1456653	1,10455954
	Mais de 49	35	<b>,1755686</b>	,97462967
	Total	231	,0000000	1,00000000
Formação_intuição	Menos de 30 anos	33	<b>,2801893</b>	,84798749
	Entre 30 anos e 39 anos	73	,0339481	1,08207106
	Entre 40 anos e 49 anos	90	-,0979968	1,03517197
	Mais de 49	35	-,0829930	,83199324
	Total	231	,0000000	1,00000000
Fat. económicos	Menos de 30 anos	33	-,4510879	1,03438397
	Entre 30 anos e 39 anos	73	-,0080257	1,00977786
	Entre 40 anos e 49 anos	88	,0973089	1,01675616
	Mais de 49	35	<b>,1973885</b>	,79502490
	Total	229	,0000000	1,00000000
Fat. politicos_sociais	Menos de 30 anos	33	-,0322241	1,09837546
	Entre 30 anos e 39 anos	73	-,0384350	,92349814
	Entre 40 anos e 49 anos	88	<b>,0320528</b>	,96826691
	Mais de 49	35	,0299572	1,16517093
	Total	229	,0000000	1,00000000

O teste Scheffe identifica dois subgrupos na consulta/conselhos, que incluem com maiores scores os grupo etários com mais de 40 anos, e com menores scores os menores de 30. Existem diferenças significativas em menos de 30 anos e mais de 40 anos. Quanto à preferência por fatores económicos no processo de decisão, se distinguem os mais idosos (mais de 49 anos) dos mais jovens, não parentando os restantes grupos etários características distintivas (Quadro 4.9.2).

### Quadro 4.9.2 - Diferenças em função da idade.

Consulta_ conselhos				Fat. económicos			
Scheffe <sup>a,b</sup>				Scheffe <sup>a,b</sup>			
Idade	N	Subconjunto para alfa = 0.05		Idade	N	Subconjunto para alfa = 0.05	
		1	2			1	2
Menos de 30 anos	33	<b>-0,425534</b>		Menos de 30 anos	33	<b>-0,451088</b>	
Entre 30 anos e 39 anos	73	-0,071399	-0,071399	Entre 30 anos e 39 anos	73	-0,008026	-0,008026
Entre 40 anos e 49 anos	90		<b>0,1456653</b>	Entre 40 anos e 49 anos	88	0,0973089	0,0973089
Mais de 49	35		<b>0,1755686</b>	Mais de 49	35		<b>0,1973885</b>
Sig.		0,381	0,683	Sig.		0,064	0,793

Uma síntese dos resultados permite evidenciar não existir evidência estatística de uma relação entre o género do inquirido e a utilização da informação contabilística. Contudo constata-se que os respondentes de empresas de maior dimensão apresentam um perfil orientado para decisões suportadas numa base mais fundamentada, enquanto nas empresas menores o perfil de decisão é mais orientado pela intuição. Esta divisão de perfis corresponde às orientações motivacionais também distintas. O primeiro grupo orienta-se por interesses económicos, enquanto o segundo grupo orienta-se mais por interesses político sociais. Relação semelhante encontra-se em função da habilitação e da idade. Os mais habilitados (e os mais idosos) decidem com base na informação, os menos habilitados (e mais jovens) com base na intuição. As motivações são, respetivamente, de natureza económica e político social.

O exercício de funções executivas ou contabilísticas nas empresas também está associado ao perfil mais informado e decisões de base económica.

Pode inferir que a subamostra de inquiridos com mais formação, a exercer funções executivas ou contabilísticas baseiam a sua tomada de decisão com pressupostos mais informados e orientados para os interesses económico e financeiros das suas empresas, enquanto os menos habilitados, mais jovens, sem responsabilidades nas áreas da gestão ou contabilísticas valorizam interesses de natureza mais geral da sociedade e decidem numa base mais intuitiva.

## CAPÍTULO 5 – CONCLUSÃO

Este estudo foi focado na utilidade da informação contabilística para os utilizadores de pequenas e médias empresas situadas na região do Algarve, utilizando como instrumento de pesquisa um questionário disponibilizado na plataforma eletrónica (Google Forms) e acedido por convite remetido às empresas selecionada por correio eletrónico. Foram validadas 232 respostas. Os inquiridos pertencem maioritariamente a empresas de menor dimensão (faturação inferior a 700 mil euros, até dez empregados, do setor dos serviços, maioritariamente com serviços administrativos internos, mas com a execução da contabilidade adquirida em sistema de prestação de serviços, são maioritariamente do género masculino, idades entre 30 e 49 anos, com mais de seis anos de experiência, com formação superior (licenciatura ou superior) exercendo cargos de administração ou como proprietário (sócio da empresa).

O perfil das empresas indica uma amostra de pequenas empresas, mas com um quadro de gestores de habilitações superiores o que sugere respostas informadas às questões colocadas no instrumento de recolha de dados. Uma caracterização do perfil dos inquiridos permitiu identificar dois grupos com uma matriz de decisão diferenciada, quer em termos da sua fonte de informação (base consulta/conselhos ou base intuição), quer quanto às suas motivações (de natureza económica/financeira ou de natureza político-social), evidenciando que a utilidade da informação financeira é apreendida com objetivos diferenciados em função do perfil do decisor.

Numa análise correlacional verifica-se existir relações estatisticamente significativas entre os perfis Consulta-Conselhos e Fatores económicos e mais moderadamente com os fatores política sociais. Quando aos inquiridos com um perfil de decisão baseada mais na intuição apenas se confirma uma correlação positiva com a decisão apoiada por motivações de caráter político ou social.

A esmagadora maioria dos entrevistados (cerca de 85%) revelaram fazer uso da informação da contabilidade, com informação mensal do contabilista ao gestor para que este possa ter uma utilização adequada dessa informação. O dado mais preocupante pode ser visto quando os inquiridos consideram o reporte da contabilidade de difícil leitura. Sendo preciso investigar mais profundamente quais as causas desta dificuldade de leitura questionando-se se é o desinteresse, preparação da informação inadequada ou a linguagem do reporte.

Indo ao encontro das observações feitas acima, vemos que os serviços prestados pelos contabilistas são encarados apenas como um apêndice obrigatório na vida das empresas. Como as PME contratam o 52% da contabilidade de profissionais externos este trabalho não é visto como algo quotidiano na empresa e, por consequência, desligado da vida empresarial.

Nessa perspetiva a maioria dos gestores considera que a contabilidade está no ponto medio de pouco relevante e muito relevante. Acreditamos que isto se deve ao facto de a gestão ser executada de forma abstrata ou pouco palpável. Nestes termos o contabilista é apenas a pessoa que busca papéis uma vez por mês e providencia impostos a pagar.

Encontrou-se evidencia estatística que relaciona os inquiridos de empresas de maior dimensão (volume de negócios superior a 40 milhões) com o perfil orientado para decisões suportadas numa base mais fundamentada, enquanto os de empresas de menor dimensão, com um perfil de decisão mais orientado pela intuição. Relação semelhante encontra-se em função da habilitação e da idade. Os mais habilitados (e os mais idosos) decidem com base na informação, os menos habilitados (e mais jovens) com base na intuição. As motivações são, respetivamente, de natureza económica e político social. O exercício de funções executivas ou contabilísticas nas empresas também está associado ao perfil mais informado e decisões de base económica.

Os resultados não evidenciam existir associação entre o género do inquirido e a utilização da informação contabilística.

Consideramos este trabalho apenas um início. É possível aprofundar outras questões e realizar um retrato mais ao pormenor das PME em Portugal, investigando outras regiões do país.

Importa ainda referir que a principal limitação da investigação a assinalar prende-se com a pandemia que atravessamos e nos levou ao questionário, enquanto ferramenta de recolha de dados. A utilização dos questionários à distância não permitiu certificar se quem respondeu é realmente a pessoa que pretendíamos que fosse, pelo que se partiu do pressuposto que as respostas dadas são dos sujeitos que afirmavam ser. Acredita-se que a realização de entrevistas poderiam ser uma ótima ferramenta, para complementar os dados aqui apresentados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abbas, W. & Ashgar, I. (2010). *The role of leadership in organizational change. Relating the successful organizational change to Visionary and Innovative Leadership*. Master's Thesis in Industrial Engineering and Management. University of Gavle.

Almeida, A. (2010). *Profissionalização em empresas familiares: os desafios da implementação de mecanismos de governança corporativa numa empresa do setor de transportes*. Belo Horizonte: Universidade FuMEC/FACE.

Almeida, R. (2012). *SNC Legislação*. ATF - Edições Técnicas.

Alves, D. (2015). *A Informação contabilística no processo de tomada de decisão de microempresas*. Dissertação de Mestrado em Contabilidade e Finanças. Porto: ISCAP.

Aragon-Sanchez, A. & Sanchez-Marin, G. (2005). Strategic Orientation, Management Characteristics, and Performance: A Study of Spanish SMEs. *Journal of Small Business Management*, 43(3), 287-308.

Bezerra, D. (2012). *Um estudo sobre a percepção de gestores de médias empresas da região metropolitana de Recife sobre a utilização e importância das informações contábeis no processo de tomada de decisão*. Dissertação de Mestrado em Ciências Contábeis. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

Bortoli, A. N. (1980). *Tipologia de problemas das pequenas e médias empresas*. Mestrado em Economia e Administração. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade de São Paulo.

Brêtas, E., Soares, E., e Brandão, R. (2011). A Perspectiva das Empresas familiares no Processo de Transição para Seus Sucessores na Cidade de Lajinha/mg. *VIII Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia*. Consultado a 04 de Abril de 2019, de <http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos11/60214763.pdf>

Cascais, E. (2021). *Factors influencing Innovation and Entrepreneur Self-Efficacy- A Lifestyle Entrepreneurship analysis*. Master's thesis in Management. Lisboa: ISCTE.

Chiavenato, Idalberto. *Administração*. 3. ed. São Paulo: Makron Books, 2004.

choo, C. W. (1996). The Knowing Organization: How Organizations Use Information to Construct Meaning, Create Knowledge and Make Decisions. *International Journal of Information Management*, 16(5), 329-340. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780195176780.001.0001>

Clarke, J. & Cornelissen, J. (2011). Language, Communication, and Socially Situated Cognition in Entrepreneurship. *The Academy of Management Review*, 36(4). DOI:10.5465/amr.2011.0192

Decreto-Lei N° 372/2007, de 6 de novembro. Diário da República, 1.ª série — N.º 213. Lisboa: Assembleia da República.

Dyt, R. & Halabi, A.K. (2007). Empirical evidence examining the accounting information systems and accounting reports of small and micro business in Australia. *Small Enterprise Research*, 15(2), 1-9.

Feliciano, A. (2015). *A utilidade da informação financeira para a gestão das microentidades, na perspetiva dos gestores e dos contabilistas certificados*. Dissertação de mestrado Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa. Lisboa.

Fisher J. (2005). Contingency-based research on management control systems: Categorization by Level of Complexity. *Journal of Accounting Literature*; 14, p. 24.

Floyd & McManus, (2005). The role of SMEs in improving the competitive position of the European Union. *European Business Review* 17 (2), 144-150.

Freitas, E. & Barth, M. (2011). Profissionalização da gestão nas empresas familiares: estagnar ou inovar? *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, 7 (3), 158-185.

Frenckner, P. (1998). *Gestão – O essencial da gestão de A a Z*, edições Cetop Portugal.

Gouveia, H. (2014). *A utilidade da contabilidade para as microempresas*. Dissertação de Mestrado em Contabilidade. Universidade do Algarve.

Gouveia, H., Fernandes, J. & Gonçalves, C. (2015). A utilidade da contabilidade para os gestores das microempresas. *Portuguese Journal of Accounting and Management*, 16, 77–105.

Gouveia, L. & Ranito, J. (2004). *Sistema de informação de apoio á gestão*. Sociedade portuguesa de inovação. Acedido a 10 de julho de 2018, em [http://www2.spi.pt/inovaut/docs/Manual\\_VII.pdf](http://www2.spi.pt/inovaut/docs/Manual_VII.pdf).

Grilo, C. (2014). *Importância da Informação Contabilística e dos Indicadores Económico Financeiros no Processo de Tomada de Decisão*. Dissertação de Mestrado não publicada, Instituto Politécnico de Santarém.

Gupta, P. (2008). *Inovação empresarial no século xxi*. (G. E. Económica, Ed.) Porto.

Hall, M. (2010). Accounting information and managerial work. *Accounting, Organizations and Society*, 35(3), 301–315. <https://doi.org/10.1016/j.aos.2009.09.003>.

Herath, S.K. (2007). A framework for management control research. *Journal of Management Development*, 26(9), 895-915.

Holmes, S. & Des, N., 1988. An analysis of the use of accounting information by Australian small business. *Journal of Small Business Management*, 26, pp.57–68.

Instituto Nacional de Estatística (INE). (2020). *Empresas em Portugal: 2020*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística (INE).

Jawabreh, O., Mahmoud, A. & Alrabei, A. (2012). The Impact of Accounting Information System in Planning, Controlling and Decision-Making Processes in Jodhpur Hotels. *Asian Journal of Finance & Accounting*, 4(1), 173–188.

Jordan, H., Neves J. & Rodrigues J. (2007). *O Controlo de Gestão – Ao Serviço da Estratégia e dos Gestores*. Lisboa: Áreas Editora.

Lama, A. & Shrestha, A. (2011). *Factors influencing in networking activities in SMEs. An exploratory study of factors that initiate networking activities in case of SMEs*. Master Thesis. Umea School of Business.

Laureano, A. (2006). *A importância da contabilidade como meio de informação no processo decisório das micro e pequenas empresas*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.

Laville, C. & Dionne, J. (1999). *A Construção do saber*. Porto Alegre: Artmed.

Leal, J. (2011). *Empresas Familiares - reflexão sobre o seu governo e sucessão*. Lisboa: Católica Lisbon School of Business and Economics.

Lourenço, Hélia (2017). A divulgação de informações não financeiras no âmbito da Diretiva 2014/95/UE: o atual grau de cumprimento das empresas cotadas em Portugal. Dissertação de Mestrado em Contabilidade e Controlo de Gestão. Faculdade de Economia da Universidade do Porto.

Lungo, D. (2013). Utilidade da informação financeira na tomada de decisão: a perceção de gestores de PMEs de Luanda e de Lisboa. *Revista de Contabilidade e Controladoria*, 5(2), 107A-107A.

Mai, J.-E. (2013). The quality and qualities of information. *Journal of the American Society for Information Science and Technology* 64(4). DOI:10.1002/asi.22783

Marconi, M. A & Lakatos, E. M. (2010) *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Editora Atlas.

Moreira, Rafael; Encarnação, Luana; Bispo, Óscar; Angotti, Marcello; Colauto, Romualdo – **A importância da informação contábil no processo de tomada de decisão nas micro e pequenas empresas**. *Revista Contemporânea de Contabilidade*. Vol.10, N.º 19. Florianópolis. 2013. Pág. 119 – 140.

Nascimento, A., Kreisig, D., Springer, F. & Petry, L. (2005). Um estudo sobre o modelo de gestão das empresas familiares. *IX Congresso Internacional de Custos*. Florianópolis - Brasil.

Nascimento, A. & Petry, L. (2006). Um Estudo sobre o Modelo de Gestão e o Processo Sucessório em Empresas Familiares. *30º Encontro da ANPAD*. Salvador - Brasil.

Nobre, T. (2001). Méthodes et outils du contrôle de gestion dans les PME. *Finance Contrôle Stratégie*. 4(2), 119-148.

Nunes, L. & Serrasqueiro, Z. (2004). A informação contabilística nas decisões financeiras das pequenas empresas. *Revista Contabilidade & Finanças* (36), 87-96.

Oliveira, A. (1997). *Contabilidade Geral e Financeira* (3ª ed.). Lisboa: Rei dos Livros.

Olsen, W. & Morgan, J. (2005). A critical epistemology of analytical statistics: addressing the sceptical realist. *Journal for the Theory of Social Behaviour*, 35(3), 255-284.

Passos, Q. (2010). *A importância da Contabilidade no Processo de Tomada de Decisão nas Empresas*. Consultado a 15 de Maio de 2019, de LUME: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25741/000751647.pdf?sequence=1>

Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de dados para ciências sociais: a complementaridade do SPSS* (4ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.

Pires, C. G. (2020). *A importância da informação contabilística, em contexto de pandemia, no processo de tomada de decisão: um estudo sobre micro e pequenas entidades*. Dissertação de Mestrado não publicada, Universidade de Coimbra.

Porton, R. A. & Longaray, A. A. (2006). Relevância do uso das Informações contábeis nos processos decisoriais. *Revista ANGRAD*, 7, 89-110.

Recomendação 2003/361/CE, adotada pela Comissão Europeia em maio de 2003. *Jornal Oficial da União Europeia*, L 124/36.

- Richardson, R. J. (1999). *Pesquisa social: métodos e técnicas*. São Paulo: Editora Atlas.
- Rodrigues, J. (2011). *Sistema de Normalização Contabilística Explicado*. Porto: Porto Editora.
- Santos, A. & Alves, M. (2017). *Utilização e importância da informação contabilística nas pequenas e médias empresas portuguesas*. XVI Congresso Internacional de Contabilidade e Auditoria (CICA). Universidade de Aveiro.
- Santos, J. P. F. (2016). A importância da informação financeira para o processo de tomada de decisão em empresas de estrutura familiar. Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Bragança.
- Santos, M. (2014). *A relevância e utilidade das demonstrações financeiras - a perceção dos gestores das PME*. Lisboa: Instituto Politécnico de Lisboa.
- Santos, M. M. M. (2016). A Relevância e Utilidade das Demonstrações Financeiras – A Perceção dos Gestores das PME. Tese de Mestrado, Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa.
- Santos, J., Pires, A. & Fernandes, P. (2018). The importance to financial information in the decision-making process in company's family structure. *Contaduría y Administración* 63 (2), Especial 2018, 1-23.
- Saunders, M., Lewis, P. & Thornhill, A. (2000). *Research methods for business students*. Harlow, England: Pearson Education.
- Scheytt, T., Soin, K., Sahlin, K. & Power, M. (2003). Organizations, risk and regulation. *Journal of Management Studies*, 43(6), 1331-1337.
- Simões, A. (1990). A investigação -ação: Natureza e validade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, XXIV, 39 -51.
- Valente, N. & Fujino, A. (2016). Atributos e dimensões de qualidade da informação nas Ciências Contábeis e na Ciência da Informação: um estudo comparativo. *Perspectivas em Ciência da Informação*, 21(2), 141-167.
- Vasile, E. & Croituru, I. (2012). *Integrated Risk Management System – Key Factor of the Management System of the Organization*. Risk Management - Current Issues and Challenges. DOI: 10.5772/47883

## ANEXOS DO QUESTIONÁRIO

1) Identificação da empresa:

2. a). Volume de negócios

Marca solo um óvalo.

- i. Até 700.000 €
- ii. De 700.000 até 8.000.000 €
- iii. De 8.000.000 até 40.000.000 €
- iv. Mais de 40.000.000 €

3. b). N.º médio empregados

Marca solo um óvalo.

- i. Até 10
- ii. De 10 até 50
- iii. De 50 até 250
- iv. Mais de 250

4. c. Setor de atividade (principal)

5. d). A empresa tem serviços administrativos internos:

Marca solo um óvalo.

- i. Sim
- ii. Não

6. e). Existe algum(a) administrativo(a) ou departamento administrativo que auxilie e forneça toda a documentação para o serviço de contabilidade?

Marca solo um óvalo.

- i. Sim
- ii. Não

7. f). O serviço de contabilidade está centralizado:

Marca solo um óvalo.

- i. Internamente (Dentro da própria empresa)
- ii. Externamente (Serviço de um escritório de contabilidade)
- iii. Internamente e externamente

2) Identificação do gerente/administrador que preenche o questionário

8. a). Género.

Marca solo um óvalo:

- i. Masculino
- ii. Feminino

Outro:

9. b). Idade

Marca solo um óvalo.

- i. Menos de 30 anos
- ii. Entre 30 anos e 39 anos
- iii. Entre 40 anos e 49 anos
- iv. Entre 50 anos e 69 anos
- v. Mais de 69 anos

10. c). Habilitações académicas

Marca solo um óvalo.

- i. Até 2º Ciclo (6º Ano)
- ii. 3º Ciclo (9º Ano)
- iii. Ensino Secundário (12º Ano)
- iv. Ensino Superior (Licenciatura ou Bacharel)
- v. Pós-Graduação ou Mestrado
- vi. Doutoramento

11. d). Tem formação na área da contabilidade / economia / finanças

Marca solo um óvalo.

- i. Sim
- ii. Não

e. Quantifique o grau de importância dos seguintes fatores, na tomada de decisão (classifique de 1= pouco importante a 5= muito importante)

12. i). Experiência profissional

Marca solo um óvalo.

pouco importante 1 2 3 4 5 muito importante

13. ii). Formação pessoal e académica

Marca solo um óvalo.

pouco importante 1 2 3 4 5 muito importante

14. iii). Conselhos de pessoas próximas (Amigos, familiares)

Marca solo um óvalo.

pouco importante 1 2 3 4 5 muito importante

15. iv). Intuição

Marca solo um óvalo.

pouco importante 1 2 3 4 5 muito importante

16. v). Informação de meios de comunicação

Marca solo um óvalo.

pouco importante 1 2 3 4 5 muito importante

17. vi). Informação da contabilidade

Marca solo um óvalo.

pouco importante 1 2 3 4 5 muito importante

18. vii). Conselhos de outros profissionais

Marca solo um óvalo.

pouco importante 1 2 3 4 5 muito importante

19. f). Qual é a função que desempenha na empresa?

g). Quantifique a influência dos seguintes fatores na tomada de decisão em sua empresa

Numa escala de 1 a 5, em que 1 é nada influente e 5 é muito influente

20. i). Fatores económicos

Marca solo um óvalo.

nada influente 1 2 3 4 5 muito influente

21. ii). Fatores políticos

Marca solo um óvalo.

nada influente 1 2 3 4 5 muito influente

22. iii). Fatores sociais

Marca solo um óvalo.

nada influente 1 2 3 4 5 muito influente

23. iv). Fatores ambientais

Marca solo um óvalo.

nada influente 1 2 3 4 5 muito influente

24. v). Resultados da empresa

Marca solo um óvalo.

nada influente 1 2 3 4 5 muito influente

25. vi). A tesouraria corrente da empresa

Marca solo um óvalo.

nada influente 1 2 3 4 5 muito influente

26. vii). O nível de endividamento da empresa

Marca solo um óvalo.

nada influente 1 2 3 4 5 muito influente

27. h). Experiência profissional. Indique o número de anos em que desenvolveu atividades ligadas à gestão de entidades

3) Utilidade da informação contabilística e financeira

Indique a sua escolha

28. a). Qual é a importância da informação económica e financeira para a tomada de decisão de sua empresa?

Marca solo um óvalo.

Nada relevante 1 2 3 4 5 Muito relevante

29. b). Qual é a importância da Contabilidade para o sucesso da sua empresa?

Marca solo um óvalo.

Nada relevante 1 2 3 4 5 Muito relevante

30. c). Como classifica a importância da informação contabilística no contexto da pandemia COVID 19?

Marca solo um óvalo.

Nada relevante 1 2 3 4 5 Muito relevante

31. d). A contabilidade é um custo para empresa.

Marca solo um óvalo.

Nada relevante 1 2 3 4 5 Muito relevante

32. e). A contabilidade é uma mais-valia para empresa.

Marca solo um óvalo.

Nada relevante 1 2 3 4 5 Muito relevante

33. f). Se tivesse que quantificar o trabalho do contabilista (interno) que valor mensal lhe atribuía.

Marca solo um óvalo.

Menos que o salário mínimo

Salário mínimo

1,5 salário mínimo

2 salários mínimos

Mais de 2 salários mínimos

34. g). Se tivesse que quantificar o trabalho do contabilista (externo) que valor mensal lhe atribuía.

Marca solo um óvalo.

Menos de 200 euros

200 a 400 euros

400 a 600 euros

600 a 800 euros

Mais de 800 euros

35. h). O responsável da contabilidade não conhece a realidade da empresa, e por isso não pode dar uma informação adequada.

Marca solo um óvalo.

Não concordo 1 2 3 4 5 Concordo totalmente

36. i). Considera que a linguagem e a forma como são apresentadas a informação da Contabilidade é difícil de entender.

Marca solo um óvalo.

Não concordo 1 2 3 4 5 Concordo totalmente

37. j). Na sua opinião, quem considera ter mais interesse na informação contabilística:

Marca solo um óvalo.

Autoridade Tributária

Bancos

Gestores

Funcionários

Fornecedores

38. k). O tempo despendido com o elevado número de obrigações declarativas reduziu a qualidade da informação da contabilidade?

Marca solo um óvalo.

Não concordo 1 2 3 4 5 Concordo totalmente

39. l). Na sua ótica, e no concerne à sua empresa, a Contabilidade serve para:

Marca solo um óvalo.

Apurar imposto

Ferramenta de gestão

Apurar impostos e ferramenta de gestão

Dar informação a todos os interessados

40. m). A informação contabilística é entregue por iniciativa do responsável pela contabilidade ou tem de ser solicitada?

Marca solo um óvalo.

Sempre solicitada 1 2 3 4 5 Sempre iniciativa da contabilidade

41. n). Com que periodicidade é que o responsável pela sua contabilidade lhe facultava informação contabilística.

Marca solo um óvalo.

Mensalmente

Trimestralmente

Semestralmente

Anualmente

Nunca

42. o). Desta informação, o Mapa de Exploração Mensal (MEM), Balancete Analítico Mensal (BAM) e Reporte Anual (RA), releve os mapas mais importantes:

Marca solo um óvalo.

MEM

BAM

RA

Todos

Nenhum

43. p). Ainda referente a esta informação: MEM, BAM e RA, caracterize quanto a sua leitura e compreensão:

Marca solo um óvalo.

Não compreendo 1 2 3 4 5 Fácil

44. q). Na suposição da Contabilidade ser uma opção do gestor, optava?

Marca solo um óvalo.

Sim

Não

Não sei